

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Programa de Pós-Graduação em Letras

Dissertação de Mestrado

**A criança e os arranjos metafóricos:
uma experiência de aquisição da
língua**

Gabriela Golembieski



Gabriela Golembieski

**A CRIANÇA E OS ARRANJOS METAFÓRICOS:
UMA EXPERIÊNCIA DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade, da Universidade de Passo Fundo. Linha de pesquisa: Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso, sob a orientação da Prof. Dra. Marlete Sandra Diedrich.

Passo Fundo, 2025

CIP – Catalogação na Publicação

G625c Golembieski, Gabriela

A criança e os arranjos metafóricos [recurso eletrônico] :
uma experiência de aquisição da língua / Gabriela

Golembieski. – 2025.

1.4 MB ; PDF.

Orientadora: Profa. Dra. Marlete Sandra Diedrich.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de
Passo Fundo, 2025.

1. Aquisição de linguagem. 2. Metáfora. 3. Narrativa.
4. Linguística. I. Diedrich, Marlete Sandra, orientadora.
II. Título.

CDU: 801

Catalogação: Bibliotecária Juliana Langaro Silveira – CRB 10/2427



PPGL
Programa de Pós-Graduação
em Letras

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação

“A Criança e os Arranjos Metafóricos: Uma Experiência de Aquisição da Língua”

Elaborada por

Gabriela Golembieski.

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade, da Universidade de Passo Fundo, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de concentração: Letras, Leitura e Produção Discursiva”

Aprovada em: 28 de março de 2025.
Pela Comissão Examinadora

A handwritten signature in blue ink that reads "Marlete Sandra Diedrich".

Prof.^a Dr.^a Marlete Sandra Diedrich
Presidente da Banca Examinadora

A handwritten signature in black ink that reads "Carmem Luci da Costa Silva".

Prof.^a Dr.^a Carmem Luci da Costa Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A handwritten signature in blue ink that reads "STTL" inside a circle.

Prof.^a Dr.^a Claudia Stumpf Toldo Oudeste
Universidade de Passo Fundo

A handwritten signature in black ink that reads "Fabiane Verardi".

Prof.^a Dr.^a Fabiane Verardi
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta dissertação, devo muitos agradecimentos. Foi uma caminhada ímpar e muito feliz.

Primeiramente agradeço a Deus por sempre ter me iluminado e me proporcionado tantas experiências lindas ao longo dos dois anos.

Agradeço à minha família por sempre estar ao meu lado. O suporte de vocês foi essencial para que esta trajetória fosse possível.

Agradeço à minha orientadora, Professora Dra. Marlete Sandra Diedrich, por absolutamente tudo. Todas as oportunidades foram incríveis e me ensinaram muito. Você, prô, é um grande exemplo a ser seguido!

Agradeço à Professora Dra. Carmem Luci da Costa Silva e à Professora Dra. Claudia Stumpf Toldo Oudeste por todos os conselhos, pela leitura atenta e por toda dedicação à ciência do nosso país! Muito obrigada!

Agradeço às crianças e às suas famílias pelo compartilhamento das narrativas no período da pandemia de Covid-19.

Agradeço às Irmãs, aos colegas e aos educandos do Colégio Mater Amabilis - Rede Sagrado de Educação por também terem trilhado esta proposta comigo. Gratidão pelos ajustes dos horários e pelas vivências diárias.

Agradeço ao Grupo “Kalina” da BRASPOL de Nova Prata por todo apoio e por fazerem parte da minha vida.

Agradeço à CAPES pelo auxílio financeiro recebido. Foi muito importante para a minha formação.

Agradeço aos colegas de turma e a todos os professores e colaboradores da UPF pela parceria e por toda dedicação. Vocês são brilhantes!

A todas oportunidades e a todos que fazem parte desta narrativa, minha eterna GRATIDÃO!

RESUMO

Na relação com os outros de seu convívio, a criança adquire a sua língua materna e passa a fazer uso dessa língua de diversas maneiras, entre elas, a narrativa. No ato de narrar, a criança pode realizar deslocamentos e transferir sentidos entre as formas da língua para denominar algo no seu discurso. A partir disso, o estudo constituído nesta dissertação tematiza **os arranjos metafóricos produzidos em narrativas de crianças em sua constituição na língua**. A questão norteadora da pesquisa é: Qual o papel dos arranjos metafóricos produzidos nas narrativas de duas crianças, de 3 e 5 anos de idade, em sua trajetória de constituição na língua?. Para responder a essa questão, tem-se como objetivo geral **analisar o papel dos arranjos metafóricos produzidos nas narrativas de duas crianças, de 3 e 5 anos de idade, em sua trajetória de constituição na língua, no período de 6 meses**, e como objetivos específicos: a) refletir sobre como a aquisição da linguagem é teorizada nos estudos enunciativos; b) compreender os arranjos metafóricos produzidos nas narrativas de duas crianças em sua trajetória de constituição da língua a partir da perspectiva aquisicional enunciativa; e c) descrever os arranjos metafóricos a partir do procedimento técnico de estudo de caso. Por esse viés, busca-se apresentar uma reflexão sobre a aquisição da linguagem com foco na perspectiva enunciativa aquisicional (Silva, 2009), que é proposta a partir dos princípios de Émile Benveniste e apresenta um dispositivo teórico-metodológico para explicar a aquisição da linguagem (*eu/tu-ele*)-*ELE*: a criança *eu*, o outro de seu convívio *tu*, a língua *ele* e a cultura *ELE*. Também são os estudos de Diedrich (2022; 2023) que guiam as reflexões sobre a narrativa na fala da criança a partir dos princípios enunciativos, o que definem esta maneira de manifestação da língua como uma evocação de experiências anteriores na linguagem, recriando acontecimentos vividos ou imaginados. Além disso, na constituição do seu discurso, a criança pode instituir arranjos metafóricos, termo derivado do princípio benvenistiano de “transferências analógicas de denominações” (Benveniste, 2020, p. 40), que se relaciona com a transferência de formas e sentidos no discurso pela analogia com que se configuram no sistema da língua. Com esse percurso teórico, trata-se de uma pesquisa qualitativa, aplicada e exploratória, a qual analisa dados de duas crianças, uma de 3 anos, outra de 5 anos, os quais fazem parte de um *corpus* já constituído em projeto anterior, intitulado *A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem*. Por fim, depreende-se com esta pesquisa que, segundo Silva (2009), é pela história de enunciações que a criança se instaura na língua da sociedade em que está inserida, sendo o *outro* do convívio que a convoca para enunciar e, a partir disso, ela passa a simbolizar e realizar deslocamentos entre as formas e sentidos da língua. Além disso, a criança mobiliza formas e sentidos desse sistema no discurso, o qual pode se materializar por meio de narrativas, e, nessa mobilização, os arranjos metafóricos, na relação com um *tu*, permitem a analogia de sentido e a transferência de conceitos.

Palavras-chave: Aquisição da Linguagem. Metáfora. Narrativa.

ABSTRACT

In their relationships with others in their lives, children acquire their mother tongue and begin to use this language in a variety of ways, including narrative. In the act of narrating, children can make shifts and transfer meanings between language forms to name something in their discourse. Based on this, the study constituted in this dissertation addresses the **metaphorical arrangements produced in children's narratives in their language constitution**. The guiding question of the research is: What is the role of metaphorical arrangements produced in the narratives of two children, aged 3 and 5, in their language constitution trajectory?. To answer this question, the general objective is to **analyze the role of metaphorical arrangements produced in the narratives of two children, aged 3 and 5, in their language constitution trajectory, over a period of 6 months**, and the specific objectives are: a) to reflect on how language acquisition is theorized in enunciative studies; b) to understand the metaphorical arrangements produced in the narratives of two children in their language constitution trajectory from the enunciative acquisitional perspective; and c) to describe the metaphorical arrangements based on the technical procedure of a case study. From this perspective, we seek to present a reflection on language acquisition with a focus on the enunciative acquisitional perspective (Silva, 2009), which is proposed based on the principles of Émile Benveniste and presents a theoretical-methodological device to explain the acquisition of language (I/you-he)-HE: the child I, the other in his/her environment you, the language he and the culture HE. Also, it is the studies of Diedrich (2022; 2023) that guide the reflections on the narrative in the child's speech based on the enunciative principles, which define this way of manifesting language as an evocation of previous experiences in language, recreating lived or imagined events. Furthermore, in the constitution of their discourse, children can establish metaphorical arrangements, a term derived from Benveniste's principle of "analogical transfers of denominations" (Benveniste, 2020, p. 40), which relates to the transfer of forms and meanings in discourse through the analogy with which they are configured in the language system. With this theoretical approach, this is a qualitative, applied and exploratory research, which analyzes data from two children, one aged 3, the other aged 5, who are part of a corpus already constituted in a previous project entitled The narrative of the child in the context of the Covid-19 pandemic: displacements in the symbolic of language. Finally, it can be inferred from this research that, according to Silva (2009), it is through the history of enunciations that the child establishes himself in the language of the society in which he is inserted, being the other of the coexistence that calls upon him to enunciate and, from this, he begins to symbolize and carry out displacements between the forms and meanings of the language. Furthermore, the child mobilizes forms and meanings of this system in discourse, which can be materialized through narratives, and, in this mobilization, the metaphorical arrangements, in the relationship with a "you", allow the analogy of meaning and the transfer of concepts.

Keywords: Language Acquisition. Metaphor. Narrative.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Concepções de sujeitos na perspectiva aquisicional enunciativa.....	21
Figura 2: Síntese do capítulo 2.....	26
Figura 3: Narrativa: forma complexa do discurso.....	34
Figura 4: Síntese dos arranjos metafóricos.....	41
Figura 5: Relações de interdependência: forma e sentido.....	44
Figura 6: Síntese das análises.....	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relações diádicas e trinitárias.....	22
Quadro 2 - Operações enunciativas.....	24
Quadro 3 - Síntese dos princípios metodológicos.....	51
Quadro 4 - Normas de transcrição.....	52
Quadro 5 - Descrição dos termos de transcrição.....	55
Quadro 6 - Recorte enunciativo 1 - Tatuagem.....	57
Quadro 7 - Recorte enunciativo 2 - Minhoquinha Dilarida.....	60
Quadro 8 - Recorte enunciativo 3 - Palavras em inglês.....	63
Quadro 9 - Recorte enunciativo 4 - Besourinho sem nome.....	67
Quadro 10 - Arranjos metafóricos nas narrativas das crianças.....	73

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 RELAÇÕES DA CRIANÇA COM A LÍNGUA: DE BENVENISTE A PERSPECTIVA AQUISICIONAL ENUNCIATIVA.....	17
3 RELAÇÕES DA CRIANÇA COM A LÍNGUA: O CASO DAS NARRATIVAS.....	28
3.1 NARRATIVA: FORMA COMPLEXA DO DISCURSO.....	29
4 RELAÇÕES DA CRIANÇA COM A LÍNGUA: ARRANJOS METAFÓRICOS, NARRATIVA E AQUISIÇÃO.....	36
4.1 “TRANSFERÊNCIAS ANALÓGICAS DE DENOMINAÇÕES”: O CASO DAS METÁFORAS.....	36
5 METODOLOGIA.....	43
5.1 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS PARA O ESTUDO DOS ARRANJOS METAFÓRICOS NA NARRATIVA DA CRIANÇA	43
5.2 NORMAS DE TRANSCRIÇÃO.....	51
6 DA BORBOLETA COM TATUAGEM AO BESOURINHO SEM NOME: ANÁLISE DE DADOS DE FALA.....	55
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS.....	75

1 INTRODUÇÃO

Descobrir que as coisas têm nome é o que nos possibilita conhecer o mundo ao nosso redor e estabelecer relações simbólicas com os outros de nosso convívio, conforme afirma Benveniste (2020). A criança apreende o nome das coisas ao seu redor, o que lhe permite constituir no seu discurso arranjos linguísticos para recriar, pela linguagem, acontecimentos experienciados ou imaginados. A representação desses acontecimentos no discurso pode se estabelecer por meio de narrativas, considerando que a criança, logo ao nascer, é exposta a uma sociedade que narra e estabelece relações via mobilização da língua por meio de narrativas. Ao narrar, a criança vive a possibilidade de mobilizar formas e sentidos da língua de tal maneira que constitui arranjos metafóricos no seu dizer. É com interesse voltado para esse arranjo que se inicia esta pesquisa, a qual tem como tema os arranjos metafóricos produzidos em narrativas de crianças em sua constituição na língua. Delimita-se esse tema com enfoque nos arranjos metafóricos de narrativas de duas crianças, de 3 e 5 anos de idade, produzidas no período de 6 meses.

Nossa questão norteadora da pesquisa é: Qual o papel dos arranjos metafóricos produzidos nas narrativas de duas crianças, de 3 e 5 anos de idade, em sua trajetória de constituição na língua? Para responder a essa questão, este estudo tem como objetivo geral analisar o papel dos arranjos metafóricos produzidos nas narrativas de duas crianças, de 3 e 5 anos de idade, em sua trajetória de constituição na língua, no período de 6 meses, e como objetivos específicos: a) refletir sobre como a aquisição da linguagem é teorizada nos estudos enunciativos; b) compreender os arranjos metafóricos produzidos nas narrativas de duas crianças em sua trajetória de constituição da língua a partir da perspectiva aquisicional enunciativa; e c) descrever os arranjos metafóricos a partir do procedimento técnico de estudo de caso.

Para atingir os objetivos e responder à questão norteadora, esta pesquisa apresenta dados de fala de crianças produzidos e registrados em projeto anterior, já submetido ao Comitê de Ética e aprovado, conforme parecer de número 4.849.264. A partir disso, a pesquisa, do ponto de vista da sua natureza, é aplicada, pois “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 51). Assim se classifica porque analisa dados de fala de crianças para explicar e exemplificar a teoria em questão.

Quanto aos seus objetivos, é exploratória, já que busca mais informações sobre o assunto que é investigado, visando “proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito ou construindo hipóteses sobre ele.” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 127).

Por tratar-se de uma pesquisa exploratória, os procedimentos técnicos são bibliográficos e estudo de caso. Classifica-se como bibliográfica porque é organizada a partir de material já publicado. São revisitados autores que estudam a enunciação como Benveniste (2020; 2023), autor que serve como base para os estudos enunciativos, Flores (2013) aprofunda seus estudos nos princípios enunciativos de Émile Benveniste, e Dessons (2006) propõe uma antropologia da linguagem também a partir do proposto nos estudos benvenistianos.

Pautados na teoria enunciativa de Benveniste, autores derivam princípios dela para pensar a aquisição da linguagem. Silva (2009) cria a perspectiva aquisicional enunciativa e propõe o dispositivo teórico-metodológico (*eu-tu/ele*)-*ELE* para caracterizar o processo de aquisição da linguagem. A partir dos princípios de Silva (2009) e dos escritos de Benveniste (2020; 2023), Diedrich (2015) dedica-se aos estudos dos arranjos vocais na aquisição da língua - definições que auxiliam a pensar os arranjos metafóricos, e Oliveira (2016; 2023) reflete sobre cultura e referência nos estudos benvenistianos - estudos que contribuem para a reflexão das temáticas abordadas nesta pesquisa.

Quando tratamos da narrativa, nosso olhar se volta para os estudos de Diedrich (2022), autora que concebe o ato enunciativo de narrar, sendo este o principal enfoque que guia esta pesquisa. Apresentamos, também, apontamentos dos estudos de Boldori (2023), autora que realiza uma pesquisa sobre a narrativa de crianças e idosos e apresenta concepções que estabelecem relações com esta dissertação. Além dessas referências, apresentamos em síntese o que Perroni (1992), De Lemos (2001) e Frédéric François (2004) entendem por narrativa e o que De Lemos (1992), Jakobson (2007), Fiorin (2008), Normand (2009), Saussure (2015) e Gomes (2016) registram sobre os arranjos na língua, na busca de melhor situar o tema.

Além dessas classificações, a pesquisa define-se como estudo de caso porque analisa dados de duas crianças, com o objetivo de compreender o que é proposto teoricamente. Quanto à abordagem, é qualitativa, considerando “que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável

entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 70).

Nesse viés, por esta pesquisa ser da área da Aquisição da Linguagem, nossas reflexões são guiadas pela perspectiva aquisicional enunciativa, a qual é proposta por Silva (2009), a partir de deslocamentos (cf. Knack¹, 2020) de princípios de Émile Benveniste (2020; 2023), detendo-se principalmente no que o autor propõe para língua, linguagem, subjetividade, intersubjetividade, referência, cultura e sociedade para pensar a instauração da criança na linguagem. A autora realiza deslocamentos teórico-metodológicos e propõe um estudo específico sobre aquisição baseado nesses princípios. Pautamo-nos nesta perspectiva para, nesta dissertação, realizar um estudo sobre os arranjos metafóricos na narrativa da criança, tema derivado da breve discussão proposta pelo autor acerca do tema “transferências analógicas de denominações” (Benveniste, 2020, p. 40), o que é caracterizado por ele como sendo as metáforas. Merece destaque ainda o “outro” do convívio da criança. Ao vivenciar as relações enunciativas, a criança realiza deslocamentos² entre formas e sentidos da língua, o que lhe possibilita referir no discurso. Com base nesses estudos, dedicamo-nos a pesquisar os arranjos metafóricos produzidos pelas crianças, realizando deslocamentos teórico-metodológicos para compreender como tais arranjos se estabelecem nas narrativas observadas.

Pontuamos que esta pesquisa se justifica com base em diferentes aspectos. Diz respeito ao fato de a investigação compreender os arranjos metafóricos produzidos nas narrativas de crianças em sua trajetória de constituição na língua, temática tratada no seio da abordagem aquisicional enunciativa, o que, certamente, contribuirá para que se conheça mais acerca da aquisição da linguagem. Essa contribuição se dá pelo motivo que, ao instituir uma metáfora no seu dizer, a criança precisa estabelecer relações analógicas entre a significação de signos da sua língua, mobilizados em situação de discurso, o que é possível pelas experiências no

¹ A autora propõe uma reflexão sobre os deslocamentos realizados a partir dos estudos benvenistianos para investigar múltiplas abordagens sobre a linguagem.

² Quando nos referimos a deslocamentos realizados pela criança, temos como princípio o deslocamento realizado pelo locutor entre o particular do discurso e o geral da língua (Cf. Silva, 2009).

simbólico da linguagem³. No ato de narrar, o locutor-criança⁴ traz para o *aqui* e *agora* da enunciação o seu modo particular de estar na língua, possibilitando-nos perceber pelas formas e sentidos mobilizados nos enunciados a cultura impressa na língua.

Além disso, para além da área da Aquisição, o estudo sobre as narrativas e os arranjos metafóricos pode contribuir para que também o ensino de língua possa refletir sobre essas questões no trabalho desenvolvido com a criança. Nesta dissertação, entendemos a narrativa como um acontecimento, experienciado ou imaginado, recriado pela linguagem, o qual se estabelece na relação entre *eu* e *tu* em um *aqui* e *agora* da situação enunciativa. Ao narrar, o locutor atualiza formas e sentidos da língua materna em que está se instaurando e pode constituir arranjos metafóricos no seu dizer. Dessa maneira, os arranjos metafóricos são compreendidos como transferência de significação entre formas e sentidos da língua pela semelhança que há entre eles e que é atribuída pelo locutor no seu discurso. Com base nisso, este trabalho tem sua relevância científica, pois contribui para as pesquisas de aquisição da linguagem, principalmente, mas também influencia outros estudos que envolvem crianças; possui relevância acadêmica por se tratar de um trabalho científico na linha Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso, o qual contribui para os estudos acadêmicos voltados para a linguagem, e há relevância social, por compreender a mobilização da língua pelas crianças no modo como estabelece uma metáfora no seu discurso.

O interesse por esse tema surgiu das minhas experiências durante a graduação em Letras-Português e Inglês. Tive a oportunidade de ser bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq em projetos de pesquisa voltados para a aquisição da linguagem. O projeto em que tive mais tempo de envolvimento foi “Narrativas de crianças no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem”, coordenado pela Professora Dra. Marlete Sandra Diedrich, minha orientadora nesta dissertação também. Desse envolvimento, foi produzido o Trabalho de Conclusão de Curso voltado para as narrativas e os arranjos

³ A propriedade simbólica é conceito-chave na perspectiva aquisicional enunciativa e será aprofundada ao longo das seções da dissertação.

⁴ Termo presente na perspectiva aquisicional enunciativa de Silva (2009) e outros autores que se pautam nessa linha metodológica, como Diedrich (2015) e Oliveira (2016). Ao referir “locutor” nos estudos enunciativos, tem-se a mobilização da língua pelo falante que, por meio do discurso, retrata características da sua experiência na linguagem. Na relação com o “outro”, a criança mobiliza sentidos particulares que são constitutivos da cultura que a cerca.

metafóricos. Nesta pesquisa, pretendemos aprofundar o estudo dos arranjos metafóricos produzidos por crianças na aquisição da linguagem.

Refletimos sobre qual é o papel das “transferências analógicas”, termo proposto por Benveniste (2020, p. 40), que aqui chamamos de arranjos metafóricos, na narrativa de crianças em constituição na língua. A análise ocorre a partir de dados de fala de duas crianças, de 3 e 5 anos, que compõem o *corpus* do projeto mencionado anteriormente.⁵ Assim, considerando o tema de estudo, além de propor reflexões sobre a metáfora e a narrativa, trata-se de uma pesquisa que tece reflexões acerca da aquisição da linguagem, a qual se dá e se manifesta sempre no convívio da criança com o outro. As experiências simbólicas com o outro possibilitam à criança mobilizar a língua de tal forma que estabeleça arranjos metafóricos no seu dizer.

Nesta introdução, cabe destacar ainda a estrutura desta dissertação. O capítulo 2 aborda as Relações da criança com a língua: de Benveniste à perspectiva aquisicional enunciativa. Neste capítulo, dialogamos principalmente com os princípios benvenistianos (2020; 2023) e com a obra de Silva (2009), *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*, para refletir sobre como a aquisição da linguagem é teorizada nos estudos enunciativos. Silva (2009) realiza deslocamentos de princípios benvenistianos e apresenta um dispositivo teórico-metodológico para caracterizar o processo de aquisição da linguagem. A autora deslocou os aspectos que envolvem o ato de enunciação para o ato de aquisição da língua⁶, propondo, dessa forma, a aquisição da língua como ato enunciativo. O dispositivo é composto por (*eu-tu/ele*)-*ELE*: a criança (*eu*), o outro de seu convívio (*tu*), a língua (*ele*) e a cultura (*ELE*), todos implicados no ato de aquisição da linguagem. A criança *eu* em convívio com o *tu* vivendo experiências de significação através do simbólico da língua *ele* aprende a língua da sua sociedade e ao mesmo tempo a cultura (*ELE*) da qual faz parte.

Após realizar um percurso de estudos sobre a aquisição da linguagem, no capítulo 3 - pautamo-nos nas ideias de Benveniste (2020) e nos deslocamentos dos

⁵ Os dados foram coletados durante o período de isolamento social causado pela pandemia de Covid-19. Como não era possível os pesquisadores terem acesso às crianças, os pais foram orientados quanto à maneira de realizar as gravações. As filmagens ocorreram enquanto a criança agia de maneira espontânea durante as suas brincadeiras cotidianas.

⁶ Utiliza-se esse termo porque é o que Carmem Luci da Costa Silva, pesquisadora que primeiramente apresentou esta abordagem, mais tem empregado atualmente, porém, nos estudos deste projeto, será utilizado o termo “aquisição da linguagem”, pois é o termo principal que usualmente tem marcado os estudos na área da Aquisição da Linguagem, de forma mais global.

princípios enunciativos propostos por Diedrich (2022) para pensar na narrativa. Acreditamos que, ao ocupar um “lugar enunciativo”, a criança, na relação intersubjetiva com o *tu*, começa a narrar as suas vivências de um modo particular, à sua maneira, relacionando-se com o geral da língua e da cultura impressa nessa língua, o que se dá a conhecer, principalmente, nos arranjos vocais mobilizados no seu discurso. No ato de narrar, a criança pode realizar deslocamentos na linguagem e instituir metáforas no seu dizer. Pela analogia de sentido das formas da língua, é possível atualizar o sentido de uma forma consagrada ao mobilizar a língua-discurso em uma relação intersubjetiva de uma situação enunciativa.

No capítulo 4, tecemos considerações sobre os arranjos na aquisição da língua e os arranjos metafóricos. Nesse capítulo, temos como objetivo compreender os arranjos metafóricos produzidos nas narrativas de duas crianças em sua trajetória de constituição da língua a partir da perspectiva aquisicional enunciativa. Ao mobilizar as formas da língua, são produzidos enunciados que possuem significação na situação enunciativa. No entanto, segundo Diedrich (2015), para que tal ideia possa se materializar no discurso, cabe ao locutor escolher como produzirá tal enunciado, sintagmatizando as palavras na frase de forma a atingir a significação que pretende enunciar ao interlocutor. O locutor estabelece o seu dizer por meio de arranjos.

Feita a trajetória teórica, no capítulo 5, apresentamos os princípios teóricos e metodológicos que conduzem a análise dos 4 dados que compõem esta pesquisa, além de especificar como este estudo define-se metodologicamente. Seguindo o que é apresentado nessa etapa, o capítulo 6 é composto pela transcrição dos dados de fala das duas crianças e as reflexões sobre eles. Após a apresentação de cada transcrição, é feita a análise a partir do caminho teórico organizado: arranjos metafóricos, narrativa e aquisição da linguagem. Por fim, apresentamos as considerações finais do percurso realizado ao longo da dissertação, destacando as principais respostas para a questão que nos propomos a responder neste trabalho.

2 RELAÇÕES DA CRIANÇA COM A LÍNGUA: DE BENVENISTE À PERSPECTIVA AQUISICIONAL ENUNCIATIVA

Propomos neste capítulo um percurso de estudos, destacando princípios benvenistianos e como esses foram deslocados para caracterizar a aquisição da linguagem. Destacam-se os textos das obras de Benveniste (2020; 2023) *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II*; e de Silva (2009): *A linguagem da criança: enunciação e aquisição*. Também são apresentadas outras considerações de Diedrich (2022; 2023) e Oliveira (2016), autores que realizam estudos a partir desse olhar teórico.

Benveniste (2020), no texto “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” (1963), apresenta o que entende por língua e por linguagem: “a linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza” (Benveniste, 2020, p. 30). A criança, com sua “faculdade humana”, na relação com o outro de seu convívio, aprende a sua língua materna e, no ato de aquisição da língua, estabelece relações simbólicas com o “outro”, as quais são instituídas pela função própria da linguagem que é *simbolizar*, conforme afirma Benveniste (2020, p. 37,), “a linguagem representa a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à condição humana, a faculdade de *simbolizar*”.

O autor se volta para o estudo da língua em ação, considerando não somente a língua como sistema, mas, sim, os sujeitos e a língua, os quais são elementos da estrutura da enunciação. “A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso” (Benveniste, 2020, p. 283). Considerando isso, a perspectiva aquisicional enunciativa se pauta na subjetividade do locutor, a qual se constitui através da intersubjetividade. Silva (2009, p. 143) destaca que, a partir desses princípios, é possível “explicar a inserção da criança como sujeito enunciativo da linguagem, visto concebermos que a apropriação da linguagem da criança ocorre pelo uso e, sobretudo, pela relação com o ‘outro’”, assim constitui-se como sujeito e é constituída pela estrutura da língua.

A criança, antes de pronunciar formas reconhecidas no sistema da língua, precisa do “outro” para significar o seu dizer. É o “outro”, o interlocutor adulto, quem atribui sentido aos balbucios, aos choros, aos sorrisos, evidenciando-se a

intersubjetividade, uma vez que há o “outro” instituindo significação ao que foi dito. Benveniste (2020) afirma que quando a criança apreende a língua, ela apreende o mundo em que está inserida, ou seja, a criança apreende as formas e os sentidos da língua em que está inserida e, também, a cultura da sociedade da qual faz parte. A partir disso, Diedrich (2023, p. 2019) explica que “a criança se desloca no simbólico da linguagem e, nesse deslocamento, não somente apreende, com a língua, os rudimentos da cultura de sua sociedade, como também, pela língua, insere-se nessa cultura.”

Ao mobilizar a estrutura da língua, a criança constitui referências no seu discurso⁷. Inicialmente, pode atribuir referência a si mesma como “o bebê” ou pelo nome que lhe foi dado e, depois, marca-se como “eu” na instância discursiva, posicionando-se como *eu* e o outro como *tu* na situação enunciativa. “É um homem falando que encontramos no mundo, é um homem falando com outro homem” (Benveniste, 2023, p. 282). É nessa relação entre “eu” e o “outro” que se estabelece a intersubjetividade.

A criança nasce e desenvolve-se na sociedade dos homens. São homens adultos, seus pais, que lhe inculcam o uso da palavra. A aquisição da língua é uma experiência que vai a par, na criança, com a formação do símbolo e a construção do objeto. Ela descobre as coisas pelo seu nome; descobre que tudo tem um nome e que aprender o nome lhe dá a disposição das coisas. Mas descobre também que ela mesma tem um nome e que por meio dele se comunica com os que a cercam. Assim desperta nela a consciência do meio social onde está mergulhada e que moldará pouco a pouco o seu espírito por intermédio da linguagem. (Benveniste, 2020, p. 40-41).

Pelas experiências simbólicas com o “outro”, com o *tu*, a criança torna-se falante, passa a se comunicar por signos que compõem a sua língua, mobilizados no discurso, realidade entendida como a língua em emprego. No texto “Os níveis da análise linguística” (2020), Benveniste explica que, ao se mobilizar a língua, atribui-se *sentido* e *referência* à frase dita pelo locutor. O locutor, ao mobilizar a língua no discurso, “toma”⁸ consciência do *signo* sob a espécie de palavra. Deslocando esses princípios para a perspectiva aquisicional, Silva (2009, p. 147)

⁷ Quando referimos “discurso”, trata-se, de acordo com o que é apresentado por Benveniste (2023), no texto O aparelho formal da enunciação, e explicado por Flores (2013, p. 177), de uma “manifestação da enunciação produzida cada vez que se fala”. Ao colocar a língua em funcionamento por um ato individual, há essa manifestação proferida pelo locutor. Em síntese, entendemos o discurso como a língua em emprego.

⁸ Não estamos afirmando que a criança seja consciente de seu processo de aquisição da linguagem, o que, na verdade, se marca é a relação da criança com as formas e sentidos da língua em uso.

observa que a criança “apreende a língua pelo uso e no convívio com o outro, constitui e é constituída pela estrutura linguística, uma vez que a *enunciação* comporta uma estrutura e cria estruturas”, o que faz com que a criança estabeleça sentido e referência no seu discurso.

Com isso, na perspectiva aquisicional enunciativa, Silva (2009, p. 148) detém-se no *diálogo*⁹, em que *eu-tu* são instâncias linguístico-discursivas. A aquisição da linguagem é entendida como *instauração*, já que a criança constitui a língua na relação com o *tu* e é constituída pela língua a cada vez que enuncia e, ao instituir seu discurso no mundo, estabelece uma nova relação com a língua e com o *tu*. “Cada discurso enunciado pela criança na *sincronia* traz, simultaneamente, a *diacronia*, pois consideramos que é pela história de enunciações que ela se inscreve na estrutura da língua”. Ao se mencionar *sincronia* nos princípios benvenistianos, refere-se ao presente da enunciação, e *diacronia*, a renovação, o novo que se estabelece a cada produção de discurso.

Benveniste (2020, p. 36) enfatiza que “a linguagem reproduz o mundo, mas submetendo-o à sua própria organização”. É pela linguagem que as experiências podem ser enunciadas para o outro. Além disso, Benveniste (2023, p. 36) explica que “aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a experiência do acontecimento. Aquele que o ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido.” Destacamos o emprego do prefixo *re*, o qual possui dupla significação. Segundo Dessons (2006), antropólogo da linguagem, o *re* por um lado expressa a ideia de iteração, ou seja, há a repetição de algo produzido, é dito algo “de novo”, como as formas linguísticas, por exemplo, mas também expressa a invenção, há um modo novo do locutor colocar em funcionamento a língua. O prefixo *re* expressa a ideia de reinvenção e é um marcador de historicidade, uma vez que o sentido da frase a partir da situação do discurso e da maneira de quem fala. Oliveira (2023, p. 97), ao aprofundar os estudos sobre a referência em Benveniste, destaca que a referência “envolve a *re-produção* (reinvenção) da realidade pela linguagem” e “a *re-produção* do mundo pela linguagem a partir da configuração da forma do pensamento pela estrutura articulada da língua”, ou seja, é pelo ato de colocar em funcionamento a língua que é possível comunicar determinada realidade ao outro do discurso.

⁹ Diálogo, nos estudos aquisicionais enunciativos, refere-se à díade criança e mãe, representando o *eu* e o *tu* que interagem na situação enunciativa.

Considerando o termo enunciação, Silva (2009, p. 153) propõe uma reflexão sobre o sufixo “ção”, destacando que “*enunciação* é ‘ato de enunciar na língua’ e *aquisição* é ‘ato de adquirir uma língua’”. Na enunciação, há o sujeito incluído, o que nos possibilita pensá-la como única e irrepitível, e não homogênea e repetível, indo ao encontro do que Benveniste (2023, p. 82) diz ser a enunciação: “é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Assim, esse campo tem como características ser heterogêneo e irrepitível, porque a cada vez que o sujeito mobiliza a língua faz escolhas particulares para expressar o acontecimento. Silva (2009) destaca ainda que *eu* e *tu* são instâncias de funcionamento linguístico-discursivo, nas quais os sentidos e as referências se constituem. Na aquisição da linguagem, a maneira com que cada criança se apropria da língua e instaura o “outro” no momento da enunciação define uma apropriação posterior, uma vez que o *eu* produz novos sentidos considerando-os existentes.

Ao considerar o que propõe Benveniste nos seus escritos, Silva (2009) destaca que é possível considerar a existência de três instâncias que agem na aquisição: a *intersubjetividade*: uma relação *homem/homem* na cultura em que estão inseridos - *sujeito cultural*, uma relação *locutor/alocutário* - *sujeito da alocução ou dialógico* e uma *relação eu-tu* - *sujeito linguístico-enunciativo*. Desse modo, descrevemos como a autora entende cada uma dessas instâncias.

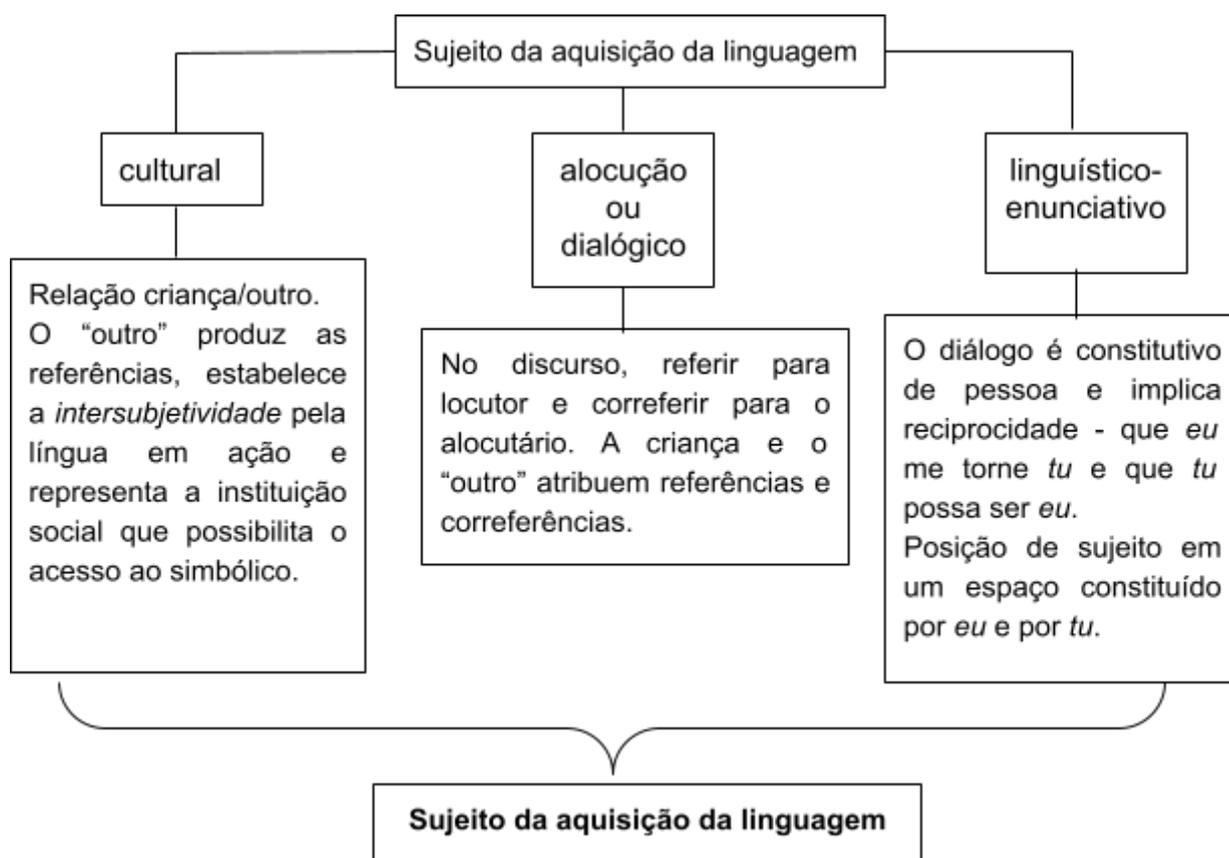
Primeiramente, entende a língua com a função de *mediação* entre homem/sociedade, homem/cultura e homem/homem, o que nos leva a pensar a *intersubjetividade* como uma *instância cultural*, na qual o homem é definido como falante na cultura. Quando nos voltamos para a criança na estrutura homem-homem, pensamos a criança no contato com o “outro” de seu convívio. Com isso, a autora destaca que a língua é vista sob dois aspectos: como instituição social: produzida por um indivíduo imerso na sociedade, e como discurso contínuo: é formada por unidades fixas. Isso nos leva a compreender o sujeito como *cultural*.

Benveniste (2023, p. 83) explica que “o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro”. Assim sendo, cada vez que o *locutor* mobiliza a língua, ele instaura um “outro”, um *alocutário*, sendo necessário ao *eu* referir pelo discurso e ao *tu*, correferir, sendo evidenciado o *sujeito da alocução ou dialógico*. Já o *sujeito linguístico-enunciativo* é observado por Silva (2009) ao considerar a referência interna que cada *locutor* institui na sua instância

discursiva, em que ele próprio está em constante relação com a sua enunciação, sendo isso evidenciado pelos índices de pessoa que se produzem *na* e *pela* enunciação.

Como referido nas palavras iniciais, a subjetividade abordada por Benveniste (2020, p. 283) “é a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’”. É no ato de discurso que ao dizer “eu” é sempre um ato novo que se realiza em um tempo e circunstâncias diferentes. A partir dessas considerações sobre *subjetividade* e *intersubjetividade* instauradas no discurso, Silva (2009, p. 164-165) explica que pretende pensar a constituição do “*sujeito da aquisição da linguagem.*” Para isso, explica como ela entende esse sujeito considerando as três classificações referidas anteriormente. Para explicitar, organizamos tais concepções na figura:

Figura 1: Concepções de sujeitos na perspectiva aquisicional enunciativa



Fonte: elaborado pela autora (2024)

Esse sujeito se constitui nas relações com o “outro”. Vale destacar que, ao fazer referência a *eu* e *tu*, essas são formas da língua que permitem à enunciação ser cada vez única. No texto “A natureza dos pronomes”, Benveniste distingue que

alguns pronomes pertencem à sintaxe da língua, enquanto outros fazem parte da instância do discurso. Nas relações diádicas e trinitárias propostas por Silva (2009), *eu* e *tu* referem-se ao discurso, o que instaura a singularidade daquele que diz, conforme explica Benveniste (2020, p. 274), “*eu* é o ‘indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância linguística *eu*’”, o qual instaura um *tu* para participar da situação enunciativa, podendo haver a reversibilidade enunciativa em que *eu* se torna *tu* e *tu* posiciona-se como *eu*. Além desses pronomes, Silva (2009) institui nas relações o pronome *ele*, que é a não-pessoa para Benveniste, a língua mobilizada para instituir referências no discurso. O quarto elemento apresentado pela autora é *ELE*. Esse representa a cultura, a qual a criança apreende com a língua, uma vez que a língua, “revela o uso particular que os grupos ou classes de homens fazem da língua e as diferenciações que daí resultam no interior da língua comum” (Benveniste, 2023, p. 101).

Quadro 1: Relações diádicas e trinitárias

Relações diádicas	
<i>eu-tu</i>	A criança não se distingue do outro. Há conjunção criança/outro.
<i>eu/tu</i>	A criança distingue-se do outro e passa a ser <i>eu</i> diferente de <i>tu</i> . Há disjunção criança/outro.
<i>(eu-tu)/ele</i>	Distinção das pessoas <i>eu</i> e <i>tu</i> da não-pessoa <i>ele</i> (ausente). Relação mundo/discurso.
Relações trinitárias	
<i>eu-tu/ele</i>	A criança (<i>eu</i>) se reconhece como locutor, o outro (<i>tu</i>) como alocutário, e a língua (<i>ele</i>) como possibilidade de atualização no discurso.
<i>(eu-tu/ele)-ELE</i>	A criança se reconhece como <i>eu</i> , o outro de seu convívio <i>tu</i> , a língua <i>ele</i> e a cultura <i>ELE</i> .

Fonte: elaborado pela autora (2024) a partir dos estudos de Silva (2009) e Oliveira (2016).

A primeira relação diádica *eu-tu* se estabelece pela conjunção da criança com o “outro” do seu convívio. Segundo Silva (2009), nessa relação eu e tu definem-se mutuamente, constituindo uma relação de conjunção. Para adquirir a língua, a criança necessita do “outro” para que esse possa torná-la sujeito dessa aquisição. É o “outro” quem atribui sentido ao dito pela criança, sendo que é nessa relação as mudanças da criança na sua relação com a língua. Já na relação *eu/tu* ocorre a disjunção da criança com o “outro”. A criança percebe-se distinta do “outro”, começando a organizar o seu dizer de maneira própria, sem depender do dizer e da interpretação do “outro”. Ainda há a distinção pessoa/não pessoa caracterizada pela estrutura (*eu-tu*)/*ele*. Nessa díade, o *tu* muitas vezes fala pelo *eu*, instituindo-se como um lugar de funcionamento da língua (*ele*):

Com efeito, é pela temporalidade que as díades *eu-tu* e *eu/tu* presentificam o *ele* (não-pessoa), já que a intersubjetividade instaura, pelo presente da enunciação, o discurso no mundo, produzindo, através dele, referências e sentidos. Com isso, estamos concebendo o *ele* como a língua, que, embora ausente, faz-se presente nas enunciações de *eu* e de *tu* (outro). Esse *tu*, como posição materna, é lugar de sentido nas relações dialógicas com o eu, enquanto sujeito da aquisição da linguagem. Desse modo, a questão do sentido insere a referência nesse quadro figurativo de aquisição da linguagem, re-presentando o *ele* pela atualização sintagmática e pela conexão, o que cria a ilusão de presença de uma “falta” existente no sujeito da aquisição da linguagem: a língua (Silva, 2009, p. 181).

Já na relação trinitária *eu-tu/ele*, há a interdependência pessoa/não pessoa e a conexão presença/ausência. Essa tríade representa a interdependência nas relações intersubjetivas e de referência no discurso. Ao instanciar o *ele*, a criança tem acesso à simbolização abstrata, ou seja, refere não somente o que está na situação enunciativa, mas evoca experiências anteriores, por exemplo. Silva (2009) apresenta também a relação trinitária (*eu-tu/ele*)-*ELE* em que se marcam as relações com o *tu* e com a cultura (*ELE*). Enquanto *eu* e *tu* representam o locutor (criança) e o alocutário (outro) do quadro figurativo da aquisição da língua, o *ele* representa a língua enquanto sistema e discurso situados na cultura e o *ELE* simboliza a própria cultura enquanto conjunto das relações humanas e dos usos linguísticos. Cabe ressaltar que o *ELE* não é representado linguisticamente no discurso, mas constitui-se nas relações de *eu* e *tu* com *ele*.

A partir dessas relações, Silva (2009) propõe três operações para se pensar a instauração da criança na língua, as quais se pautam na maneira como a criança

atua no discurso e a(s) referência(s) estabelecida(s) por ela. Em síntese, cada operação assim se define:

Quadro 2: Operações enunciativas

Operação	Definição
Operação de preenchimento de lugar enunciativo	Mudança de posição da criança de convocada pelo “outro” (conjunção <i>eu-tu</i>) a convocar o “outro” (disjunção <i>eu/tu</i>).
Operação de referência	Mudança da referência para além da mostrada na situação de enunciação. A criança passa a atribuir referência no próprio discurso.
Operação de inscrição enunciativa da criança na língua-discurso	Mudança no seu discurso quanto às formas de pessoa, espaço e tempo, por meio das quais estabelece relações enunciativas mais complexas, retomando eventos passados, projetando eventos futuros, podendo, inclusive, simular situações que se distanciam do real, apenas imaginadas.

Fonte: elaborado pela autora com base em Silva (2009)

A criança, em sua história de enunciações, passa de convocada pelo outro a convocar o “outro”, a posicionar-se como *eu* da situação enunciativa. Produz, também, referências no discurso que vão para além do que é mostrado na situação em que se encontra, institui referências no próprio discurso, o que possibilita que estabeleça situações enunciativas complexas, retomando eventos passados ou projetando eventos futuros que podem ser reais ou imaginários por meio de narrativas, por exemplo, conforme explica Diedrich (2022). A autora concebe a narrativa como ato enunciativo, porque ao narrar a criança realiza deslocamentos complexos para constituir o seu dizer. Entendemos os deslocamentos como “os movimentos realizados pela criança em sua manifestação discursiva, os quais contemplam, principalmente, a relação entre o geral da língua e o particular do discurso, o que acontece sempre em relação ao outro” (Diedrich, 2023, p. 208).

Considerando isso, ao mobilizar a língua-discurso¹⁰ de diferentes maneiras, a criança estabelece sentido e referência nos seus enunciados para expressar

¹⁰ “Inter-relação dos sistemas semiótico e semântico no uso da língua” (Flores, 2013, p. 60).

determinada “ideia”. Benveniste (2023) pensa na língua enquanto sistema, sistema de signos - semiótico -, e na língua discurso, na língua em emprego - semântico¹¹. A “ideia” é expressa na sintagmatização das palavras na frase, o que diz respeito ao discurso, instituindo relações intersubjetivas com o “outro” da situação enunciativa. O locutor-criança expressa a sua “ideia” de maneira particular, trazendo para os seus enunciados palavras que, naquela situação enunciativa, adquirem um sentido específico, “a partir da ideia, a cada vez particular, o locutor agencia palavras que neste emprego tem um ‘sentido’ particular” (Benveniste, 2023, p. 229).

Essa singularidade de significação atribuída às formas da língua em dada situação de uso relaciona-se com a referência. Ainda que se compreenda o sentido individual das palavras, podemos não compreender o sentido da junção dessas na frase se não levarmos em conta ao que se refere. Benveniste (2020, p. 145) afirma que a frase é uma unidade que expressa sentido e referência a uma situação.

Antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano. Quais são estas funções? Tentemos enumerá-las? Elas são tão diversas e tão numerosas que enumerá-las levaria a citar todas as atividades de fala, de pensamento, de ação, todas as realizações individuais e coletivas que estão ligadas ao exercício do discurso: para resumi-las em uma palavra, eu diria que, bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*. Se nós colocamos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar. Pela amplitude desta definição pode-se medir a importância que deve caber à significação (Benveniste, 2023, p. 221).

É ao colocar a língua em funcionamento que as formas e sentidos adquirem determinada significação para comunicar naquela situação enunciativa. A partir do proposto por Benveniste (2023), Silva (2009, p. 247), considerando a relação entre a aquisição da linguagem, o sentido e a referência, destaca que:

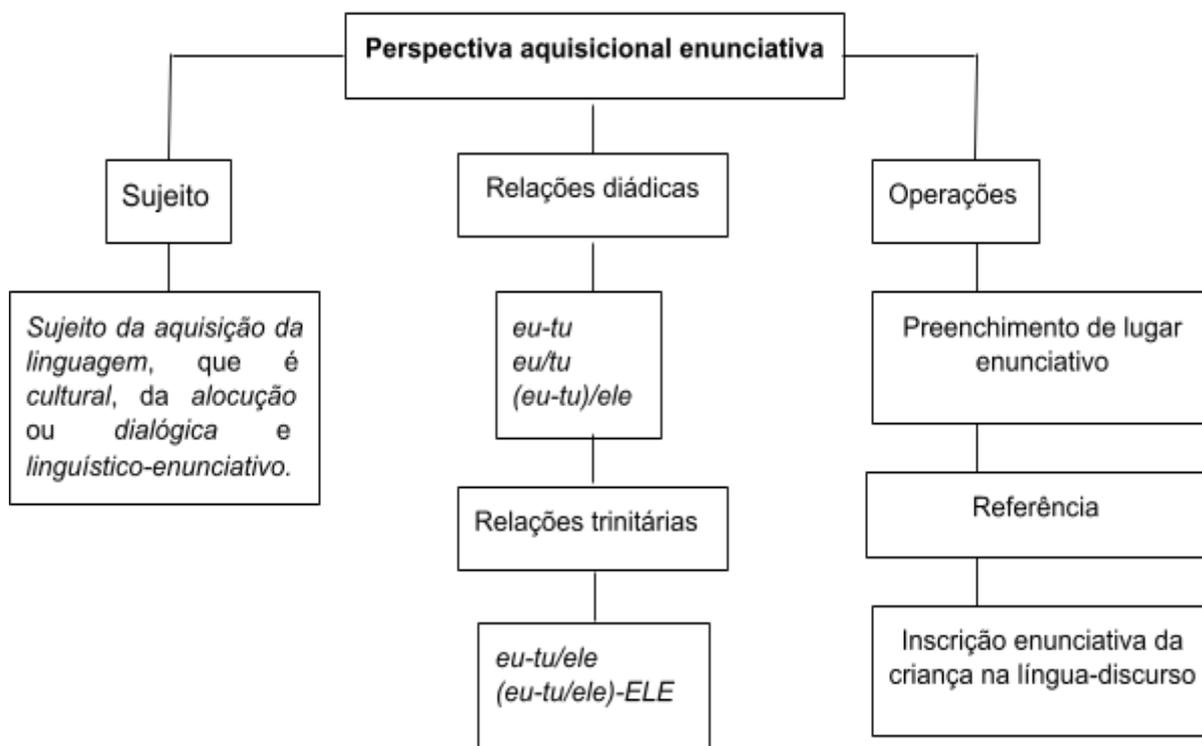
Formas enunciativas produzidas pelas crianças têm *sentido* a partir de seus empregos na frase, *sentido* este ajustado na relação enunciativa constituída por *eu* e por *tu*, em que o alocutário ressignifica o *sentido* da *forma enunciativa* (do nível semântico) do locutor (criança) com *forma da língua* (do nível semiótico). Neste vai-e-vem de formas e sentidos, a criança, pela língua-discurso, constrói uma semântica particular, produzindo estruturas no uso, que se convertem em *formas da língua* na relação enunciativa constituída por *eu* e por *tu*.

¹¹ Conceitos que não serão aprofundados. Podem ser conhecidos nas obras de Flores, como, por exemplo, no livro Introdução à teoria enunciativa de Benveniste (2013).

A referência do discurso e o sentido das palavras empregadas na situação enunciativa, na frase, são particulares, únicos, sendo a frase então “cada vez um acontecimento diferente; ela não existe senão no instante em que é proferida e se apaga neste instante; é um acontecimento que desaparece” (Benveniste, 2023, p. 230). Em alguns momentos, as palavras mobilizadas pela criança não correspondem aos signos que compõem o sistema de determinada língua e que os outros falantes utilizam. Ao constituir esse arranjo diferente, a palavra enunciada pode não ter sentido no semiótico - no sistema da língua, mas, apesar disso, é possível que o “outro” da interlocução entenda o seu significado, estabelecendo sentido no semântico - língua em emprego e em ação, ou seja, há significação naquela situação enunciativa em que a língua é instituída, considerando a relação entre *eu* e *tu* e o *aqui* e o *agora* da enunciação. Fora dessa situação, seria difícil atribuir tal significação ao que foi dito.

Após o percurso realizado ao longo deste capítulo, refletimos sobre os princípios propostos por Émile Benveniste (2020; 2023), os quais foram deslocados por Silva (2009) que propôs a perspectiva aquisicional enunciativa para caracterizar a aquisição da linguagem. Após o percurso realizado, destacamos os principais princípios que baseiam os estudos desta dissertação. Para isso, propomos uma síntese na figura 2.

Figura 2: Síntese do capítulo 2



Fonte: elaborado pela autora (2024)

Dessa forma, considerando o sujeito da aquisição da linguagem, a relação trinitária *(eu-tu/ele)-ELE* para caracterizar o ato de aquisição da linguagem e as operações realizadas pela criança na sua constituição na língua materna, finalizamos este capítulo e nos pautamos principalmente nesses princípios para refletir sobre os temas dos próximos escritos. Cabe ainda ressaltar, que é pela história de enunciações que a criança se instaura na língua materna. Ao mobilizar a língua no discurso, a criança evoca experiências anteriores na linguagem, experiências essas vivenciadas por ela de um modo particular e mobilizadas no discurso, igualmente, de um modo particular, à sua maneira. A mobilização no discurso pode se dar por meio de narrativas, realidade de funcionamento da língua que está presente na sociedade da qual a criança faz parte. O tema das narrativas é objeto de discussão do próximo capítulo.

3 RELAÇÕES DA CRIANÇA COM A LÍNGUA: O CASO DAS NARRATIVAS

A narrativa se revela presente na linguagem da criança em muitas sociedades e culturas e tem sido estudada por teóricos de diferentes perspectivas na área da Aquisição da Linguagem. Neste capítulo, fazemos uma breve retrospectiva de alguns desses estudos, a título de ilustração, para situarmos, na sequência, nosso olhar sobre a narrativa a partir da concepção de “forma complexa do discurso”, termo benvenistiano deslocado por Diedrich (2022) para caracterizar esse modo de se mobilizar a língua-discurso. A criança evoca suas experiências na linguagem desde muito cedo, passando da referência mostrada à constituída no discurso.

No Brasil, são conhecidos os estudos feitos na perspectiva interacionista em torno da aquisição da linguagem. Nessa mesma perspectiva, ganha notoriedade o trabalho de De Lemos (2001), pesquisadora que inaugura tal perspectiva para os estudos de aquisição no Brasil. De Lemos, no texto “Sobre o estatuto linguístico e discursivo na narrativa da fala da criança”, apresenta o modo como as formas pelas quais a narrativa de histórias é evidenciada na fala da criança de 1 ano até 5 anos de idade. Em cada idade, ela se posiciona de uma maneira perante a narrativa. Desde a repetição de enunciados do adulto, no caso em questão, a mãe, até a introdução da sua própria percepção dos fatos. Com as suas vivências, narra a história não como ela é, mas cria outras cenas com base naquilo que conhece, que experencia: “Nada melhor que a narrativa que comparece na fala da criança, primeiro sob a forma de reconto de histórias da literatura infantil e, depois, como histórias inventadas” (De Lemos, 2001, p. 27).

Outro estudo que se destaca nessa linha de pesquisa é o de Perroni (1992), autora filiada à perspectiva sociinteracionista e que analisa o processo de desenvolvimento do discurso narrativo. A autora descreve como o discurso narrativo se desenvolve ao longo do tempo. Em sua pesquisa, ela também considera os fragmentos de frases e os enunciados que aparecem truncados na fala da criança, pois acredita que eles revelam muitas das estratégias usadas por elas para narrar. “Ao contrário do que se poderia supor, os ‘desvios’ e as ‘incompletudes’ são a melhor fonte de informação sobre processos em construção” (Perroni, 1992, p. 11).

Já na perspectiva dialógico-discursiva, apresentamos a reflexão de Frédéric François (2004), autor que considera a teoria vygotyskiana e bakhtiniana para pensar a linguagem da criança. François (2004), nos seus estudos, destaca que a

criança aprende a falar a partir dos discursos dos outros. Nessa perspectiva, o autor ressalta o papel do outro na convivência da criança e o quanto esse contribui para construir a narrativa, uma vez que é o outro quem interpreta, concorda ou discorda, acrescenta informações... no que é dito por ela. Nesses diálogos, a criança adquire a língua materna e também mobiliza a língua por meio de narrativas, sendo a troca com o outro fundamental para o narrar.

Esses estudos ilustram a importância que o tema “narrativa na linguagem da criança” tem recebido, seja no Brasil ou em outros países, como é o caso da França. Sabedores desse percurso já trilhado, também nos voltamos para a narrativa da criança, no entanto, sob o olhar da perspectiva aquisicional enunciativa (Cf. Silva, 2009), conforme apresentamos a seguir.

3.1 NARRATIVA: FORMA COMPLEXA DO DISCURSO

Em nossos estudos, a narrativa é pensada como uma forma complexa do discurso, como destacamos no título, conceito destacado nas pesquisas de Diedrich (2021; 2022), uma vez que o ato de narrar envolve deslocamentos complexos entre as formas e os sentidos da língua para que o locutor possa constituir a sua narrativa. Ao longo deste capítulo, explicaremos mais sobre essa definição e como ela se manifesta no processo de aquisição da linguagem.

A partir desse viés, ressaltamos que o estudo, nesta dissertação, se dá a partir da língua em emprego, o que implica, segundo os princípios benvenistianos, assumirmos a língua como sistema de signos que se atualiza no discurso. Considerando isso, não cabe, na nossa linha de pesquisa, uma estrutura específica, como um modelo pré-definido de narrativa, uma vez que, a cada enunciação, compreendida aqui como “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 2023, p. 82), há a possibilidade de atualização das formas e sentidos da língua em uso, o que também, certamente, se aplica à narrativa.

Lembramos que o estudo da narrativa neste trabalho se pauta na criança que ainda está se constituindo como falante de sua língua materna. Assim sendo, abordamos a questão sob o enfoque da perspectiva aquisicional enunciativa (Cf. Silva, 2009), perspectiva essa que apresenta o dispositivo teórico-metodológico para caracterizar o processo de aquisição da língua: *(eu-tu/ele)-ELE*, o qual comporta a

criança (*eu*), o outro de seu convívio (*tu*), a língua (*e/le*) e a cultura (*ELE*). Acreditamos (*Cf.* Diedrich, 2022) que a narrativa comparece nesse dispositivo considerando que a criança (*eu*), ao narrar para um *tu*, mobiliza formas e sentidos da língua (*e/le*) a partir de seus valores culturais (*ELE*) que se imprimem na língua e estão nos discursos da criança na sociedade em que está imersa. Com isso, a criança pode constituir no discurso narrativas de acontecimentos experienciados ou imaginários, realidades que passam a serem conhecidas pelo outro ao ter acesso à narrativa produzida pela criança.

Nos trabalhos de Benveniste, mais especificamente no texto “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” (2020), a narrativa é assim mencionada:

Imaginemos o que seria a tarefa de representar visualmente uma ‘criação do mundo’ se fosse possível figurá-la em imagens pintadas, esculpidas ou semelhantes à custa de um trabalho insano; depois vejamos no que se torna a mesma história quando se realiza na narrativa, sucessão de ruídozinhos vocais que se dissipam apenas emitidos, apenas percebidos; mas toda alma se exalta com eles, as gerações os repetem e cada vez que a palavra expõe o acontecimento, cada vez o mundo recomeça. Nenhum poder se igualará jamais a esse, que faz tanto com tão pouco. (Benveniste, 2020, p. 40).

Essa passagem nos inspira à seguinte afirmação: é pela “sucessão de ruídozinhos vocais” que a criança narra sua experiência no mundo, o que se dá pelo ato de enunciação. São os “ruídozinhos vocais”¹² que, segundo Diedrich (2022), constituem a narrativa, *recriam* realidades e possibilitam representar um mundo pelo ato de narrar. É a mobilização de formas da língua no discurso que se revestem de tal significação em dada situação enunciativa: “Trata-se da semântica própria da língua-discurso, reveladora de determinados arranjos singulares para modos de narrar que reproduzem sentidos no discurso narrativo.” (Diedrich, 2022, p. 132).

Para Silva (2009), tanto a enunciação quanto à aquisição são atos¹³, o que possibilita compreender-se que, por meio dos deslocamentos na linguagem da criança, será possível conhecer e entender mais sobre aspectos da aquisição da linguagem. Diedrich (2022), ao pensar a narrativa como ato, defende que a experiência na linguagem se presentifica na narrativa como uma evocação de

¹² Ao usarmos essa expressão, não temos a intenção de deixar à margem as expressões da língua visogestuais, as quais também apresentam traços singulares de realização visual e gestual.

¹³ Conceber a aquisição da linguagem como ato está atrelado à afirmação benvenistiana “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 2023, p. 82). É por meio desse ato individual de aquisição da língua que, segundo Silva (2009), a criança vive a sua história de enunciações na linguagem.

experiências anteriores na linguagem. Experiências simbólicas e não necessariamente concretas do mundo físico. São as experiências que se marcam na língua-discurso. Por meio do ato de narrar, as experiências são evocadas, são *recontadas*, são *reproduzidas*. Como referido no capítulo anterior, os estudos enunciativos no Brasil têm, seguidamente, referido Derrida (2006), na busca de esclarecer o duplo valor do prefixo *re* nos estudos benvenistianos. É o caso de Diedrich (2020, p. 607):

O prefixo *re* refere a ideia de invenção, de novidade. É com essa potência de sentido que a ideia de representar o mundo deve ser entendida, o que implica assumir uma postura teórico-metodológica frente aos fatos de linguagem que dê conta da relação entre esses dois sentidos implicados no ato de viver e de significar e que acabam por definir o próprio homem.

A criança, ao narrar, mobiliza as formas da língua para expressar determinado fato. *Na* e *pela língua*, o locutor *reproduz* a realidade, a experiência vivida ou imaginada. Silva (2020) diz que “Com as marcas *na* e *pela*, Benveniste apresenta o aspecto constitutivo da linguagem/língua em relação ao humano e o aspecto mediador da linguagem/língua-discurso na relação entre humanos e na relação humano-mundo” (p. 622). É pela mobilização de formas e sentidos da língua que o locutor traz para o *aqui* e *agora* da narrativa outro *aqui* e *agora*, possibilitando que haja o *renascimento* da experiência.

Com base nisso, afirma Diedrich (2020) que a criança ouvinte de histórias logo nos primeiros anos de vida passa a narrar suas próprias histórias, ressignificando pela propriedade simbólica da linguagem os acontecimentos vividos e imaginados: “Ao narrar experiências vividas ou imaginadas, a criança se apropria das formas da língua para simbolizar, por meio da linguagem, diferentes mundos, instanciando-os no aqui-agora da enunciação” (Diedrich, 2020, p. 27).

Com base nos princípios enunciativos, a autora defende que a narrativa é uma forma complexa do discurso, o que se dá pela afirmação “Da base ao topo, desde os sons até as complexas formas de expressão, a língua é um arranjo sistemático de partes.” (Benveniste, 2020, p. 32). A autora assim define a narrativa pensando na complexidade como “a característica das unidades formadas por outros elementos, a elas internos e cujo funcionamento é interdependente” (Diedrich, Golembieski e Boldori, 2023, p. 22). Dessa forma, a narrativa pode ser entendida como forma complexa do discurso, porque mobiliza outros elementos enunciativos

na sua constituição, destacando-se as relações de tempo e de espaço, as quais são elementos que a configuram. É, então, pela narrativa que a criança experiencia a propriedade simbólica da linguagem, o que se estabelece pela criação de mundos e possibilita que a criança vivencie a atualização de formas e sentidos de uma língua na qual ela ainda está em constituição. Logo, para Diedrich (2022), a narrativa é uma forma complexa uma vez que, para expressar o acontecimento ao “outro”, é necessário que o falante mobilize a língua e a atualize a partir de relações espaço-temporais que são complexas, já que é pelas marcas da língua que será possível evocar um fato.

Ao colocar em funcionamento a língua por meio de um ato individual, a criança mobiliza formas e sentidos no ato de narrar em um determinado espaço e em um determinado tempo, o que leva Boldori¹⁴ (2023, p. 33) a explicar a narrativa como “um modo enunciativo, o qual permite ao falante assumir seu lugar enunciativo no quadro figurativo da enunciação, via relações espaço-temporais e procedimentos acessórios; e, por assumir este lugar enunciativo, o falante, na prática humana da língua, assume seu lugar de dizer na sociedade.” É pela narrativa que a criança que a constitui o seu lugar enunciativo e, também, seu lugar de dizer na sociedade que está inserida. “Ao narrar, o falante se insere numa sociedade que narra, que constrói mundos considerados reais ou fictícios nas e pelas narrativas mobilizadas. Faz isso à sua maneira, constituindo-se indivíduo — realidade particular — no geral da sociedade.” (Diedrich, 2022, p. 135). A partir disso, entendemos que indivíduo e sociedade constituem-se reciprocamente.

Além da “sucessão de ruídozinhos vocais” que Benveniste apresenta em relação à narrativa, o autor reflete, ao longo de sua obra, sobre a narrativa histórica e o discurso. No texto “As relações de tempo no verbo francês” (2020), o autor traz o que entende sobre isso:

A distinção que fazemos entre narrativa histórica e discurso não coincide, portanto, absolutamente, com a distinção entre língua escrita e língua falada. A enunciação histórica é reservada hoje à língua escrita. O discurso, porém, é tanto escrito como falado. Na prática, passa-se de um ao outro instantaneamente. Cada vez que no seio de uma narrativa histórica aparece um discurso, quando o historiador, por exemplo, reproduz as palavras de uma personagem ou intervém, ele próprio, para julgar os acontecimentos referidos, se passa a outro sistema temporal, o do discurso. O próprio da

¹⁴ Ana Carolina Boldori é mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo e desenvolveu na sua pesquisa de Mestrado um estudo sobre a narrativa da criança e do idoso. Atualmente, Boldori é doutoranda nessa instituição.

linguagem consiste em permitir essas transferências instantâneas. (Benveniste, 2020, p. 264).

O locutor, ao narrar um fato, pode somente expor o que aconteceu, como pode intervir nessa narrativa, pode marcar-se como *eu*, deixando de ser somente uma narrativa histórica e passando a se assumir explicitamente como discurso marcado pela subjetividade. Com isso, ressaltamos as operações propostas por Silva (2009) e que foram discutidas no capítulo anterior. No ato de narrar, segundo Diedrich, Golembieski e Boldori (2023), a criança passa a convocar o “outro” e deixa de ser apenas convocada (operação de preenchimento de lugar enunciativo), constitui relações entre acontecimentos experienciados e imaginados (operação de referência) e há a possibilidade de referir acontecimentos que são imaginários (operação de inscrição enunciativa da criança na língua-discurso). Essas operações possibilitam que a criança evoque as suas experiências na linguagem, constituindo narrativas de acontecimentos vividos e que são recriados pela linguagem, e também narrativas que envolvem a “imaginação criadora”, representando mundos imaginários.¹⁵

A criança, assim, com suas vivências em sociedade, pode manifestar na narrativa suas experiências na linguagem, mobilizando a língua à sua maneira. Traz para o dia a dia o universo fantástico de uma história literária ou de um desenho a que assiste. Pode viver com a sua “imaginação criadora” (Cf. Benveniste, 2020, p. 37) uma grande narrativa fantástica, em que existem elementos que somente ela pode ver, somente ela pode escutar, os quais, em alguns casos, encontram-se em relação apenas no relato produzido pela criança naquele instante enunciativo, em sua relação com as formas e sentidos da língua e com o outro de seu convívio.

Dessa forma, nesta dissertação, entendemos a narrativa como uma forma complexa do discurso (Cf. Diedrich, 2022), porque ela institui na sua constituição elementos do quadro figurativo da enunciação (Cf. Benveniste, 2023), com ênfase para as relações de tempo e espaço. Com base nisso, acreditamos que é pela narrativa que a criança experiencia a propriedade simbólica da linguagem de maneira muito significativa, o que se dá por meio da criação de mundos, nos quais os acontecimentos ganham vida, na atualização de formas e sentidos da língua materna em que a criança se instaura como falante.

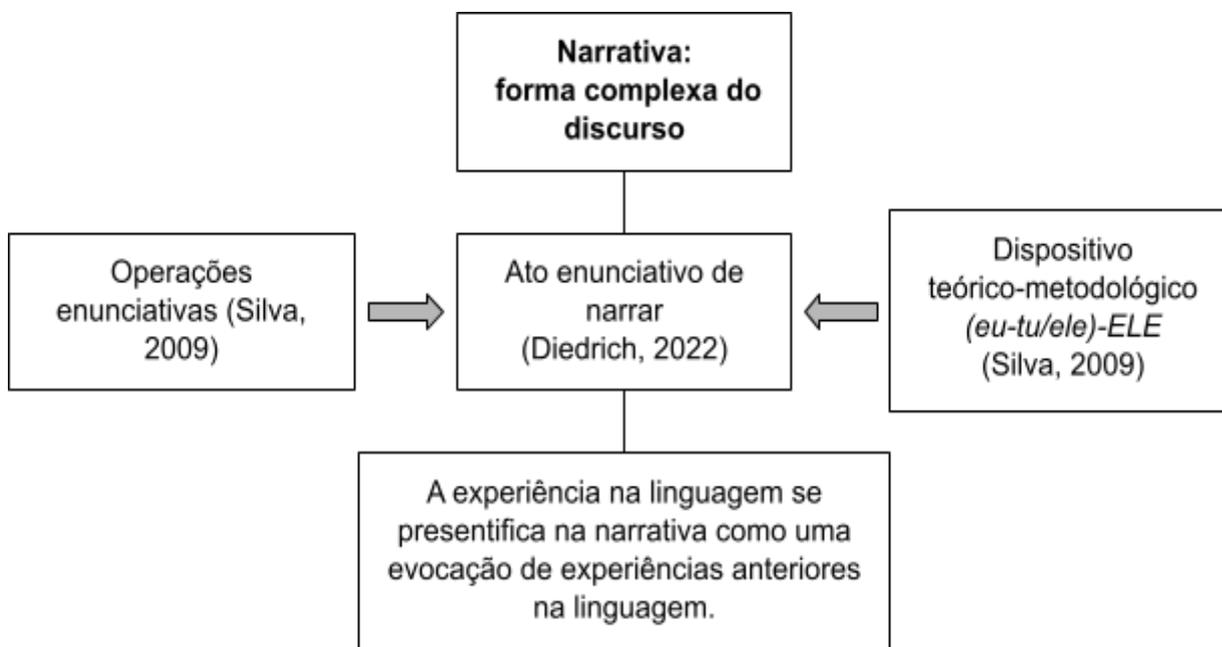
¹⁵ No capítulo das análises, mostraremos como isso se instaura na fala das crianças que enunciam nos dados coletados.

A narrativa pode ser entendida como forma complexa do discurso, porque mobiliza, na sua constituição, outros elementos enunciativos, em que se destacam as relações de tempo e de espaço, as quais têm seu funcionamento atrelado à unidade narrativa. É pela narrativa, portanto, que a criança experimenta a propriedade simbólica da linguagem em, talvez, sua manifestação mais rica: a criação de mundos e, para tanto, vivencia a atualização de formas e sentidos de uma língua na qual ela, criança falante, ainda está em constituição. (Diedrich; Boldori; Golembieski, 2023, p. 22)

Dessa forma, a narrativa é uma forma complexa porque se caracteriza pela mobilização de múltiplos elementos da língua para que possa se constituir. Entre esses elementos, evidenciam-se as relações de tempo e espaço, bem como o sentido atribuído às formas que se instauram nessa narrativa. Com isso, cabe ao locutor-criança realizar deslocamentos na língua-discurso para que possa recriar acontecimentos pela linguagem.

Após este percurso, apresentamos uma figura com os principais conceitos que nos levam a conceber a narrativa a partir do proposto nos estudos enunciativos e na perspectiva aquisicional enunciativa.

Figura 3: Narrativa: forma complexa do discurso



Fonte: elaborado pela autora (2024)

No ato de narrar, a criança realiza deslocamentos da particularidade do discurso para o geral da língua-sistema, como afirma Silva (2009, p. 285), "cada ato de aquisição de linguagem põe em cena a singularidade de cada sujeito na estrutura

da enunciação, em que os sentidos e formas produzidas constituem-se no próprio ato.” Nesse movimento, é possível que a criança institua arranjos metafóricos nos seus enunciados. É possível que, com base nas suas experiências, ela utilize uma forma da língua com um sentido renovado, estabelecendo analogias entre as formas e os sentidos desta língua, o que lhe possibilita realizar transferências de significação, atribuindo a determinado nome novo sentido. Sobre isso, trataremos no próximo capítulo.

4 RELAÇÕES DA CRIANÇA COM A LÍNGUA: ARRANJOS METAFÓRICOS, NARRATIVA E AQUISIÇÃO

Neste capítulo, fazemos uma breve retrospectiva de alguns estudos sobre a metáfora, a título de ilustração, para situarmos, na sequência, nosso olhar sobre os arranjos metafóricos. Acreditamos que, ao narrar, a criança pode realizar deslocamentos entre as formas e sentidos da língua no discurso e constituir um arranjo metafórico no seu dizer. É com essa concepção que abrimos este capítulo e é com base nela que refletimos sobre a metáfora proposta na afirmação de Benveniste (2020, p. 40): “transferências analógicas de denominações”.

O tema da metáfora já foi objeto de estudos de muitas teorias, como, por exemplo, Jakobson (2007), De Lemos (2002), e outros pesquisadores que derivaram seus estudos nessa área de pesquisa. Saussure (2015), considerado o pai da linguística moderna, também apresenta um olhar para as analogias, teorizando sobre *a atividade de associação*, que é a comparação, “ato de ‘construção’ sempre ligado a uma ‘comparação’ implícita, ato de síntese (‘sintaxe’) que implica uma ‘análise’, produção de ‘discurso’, referindo-se sempre a uma ‘intuição’”(Normand, 2009, p. 47). De acordo com Saussure, para que haja analogia, é necessário o conhecimento das unidades da língua e criatividade para associar as unidades existentes, criando, assim, formas novas. “Se é a língua, enquanto sistema, que permite a analogia, é o falante que a executa, baseado, como já afirmamos, em sua capacidade criativa e no conhecimento que tem das unidades que significam na língua.” (Gomes, 2016, p. 68). É no sintagma que a analogia acontece, quando o falante organiza as unidades da língua para significar.

Trouxemos brevemente algumas definições de metáfora para pontuar que há outras teorias que estudam essa temática, sendo que nós voltamos nosso olhar para uma determinada concepção de metáfora, aqui nomeada de arranjos metafóricos, constituída no discurso da criança, a partir dos princípios enunciativos de Benveniste (2020; 2023). A metáfora de que tratamos não é uma figura de linguagem, mas arranjos constituídos no discurso. Aprofundamos a discussão no subcapítulo a seguir.

4.1 “TRANSFERÊNCIAS ANALÓGICAS DE DENOMINAÇÕES”: O CASO DAS METÁFORAS

Nesta dissertação, entendemos as metáforas como “transferências analógicas de denominações”, termo apresentado por Benveniste (2020, p. 40). A partir dessa afirmação, compreendemos que se trata de uma transferência que se estabelece no discurso pela semelhança com que as formas e sentidos se configuram na língua em uso pelo falante. Pautamo-nos nessa ideia de metáfora para pensar os arranjos metafóricos na narrativa da criança. Assim, denominamos, nesta pesquisa, as “transferências analógicas de denominações” como arranjos metafóricos. Explicamos a analogia que nos leva a esta denominação nos próximos parágrafos.

A partir das considerações tecidas no início deste capítulo, o termo “transferências analógicas de denominações” é evidenciado no texto “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”. O autor apresenta, na passagem em que refere o termo, que a linguagem oferece uma estrutura que possibilita o estabelecimento de uma relação entre palavras e conceitos que, por vezes, diferem-se do que é referido no discurso.

A linguagem oferece o modelo de uma estrutura relacional, no sentido mais literal e mais compreensivo ao mesmo tempo. Relaciona no discurso palavras e conceitos, e produz assim, como representação de objetos e de situações, signos que são distintos dos seus referentes materiais. **Institui essas transferências analógicas de denominações que chamamos metáforas, fator tão poderoso do enriquecimento conceptual.** Encadeia as proposições no raciocínio e torna-se no instrumento do pensamento discursivo (Benveniste, 2020, p. 40).

É a linguagem, com seu aparato simbólico, que permite ao falante estabelecer transferências analógicas e constituir, no discurso, uma nova denominação, a qual pode ser compreendida ao ser situada naquele tempo e espaço em que o diálogo entre *eu* e *tu* se estabelece. No ato de narrar, na interação com o “outro”, a criança evoca no seu discurso “transferências analógicas de denominações”: “trata-se de uma metáfora que se constrói no discurso, portanto, dependente do quadro figurativo da enunciação” (Flores, 2013, p. 168). O quadro figurativo da enunciação, no texto de Benveniste “O aparelho formal da enunciação” (1989), apresenta os índices de pessoa (*eu-tu*), espaço (*aqui*) e tempo (*agora*). É na mobilização da língua entre *eu* e *tu*, em um determinado espaço (*aqui*) e momento (*agora*) que as transferências são possíveis.

“O locutor produz metáfora ao transferir analogicamente, numa dada situação, sentidos que produzem, no discurso, novas denominações, ou seja, novos usos” (Flores, 2013, p. 162). Logo, a criança, a partir das experiências simbólicas, poderá constituir no seu discurso “transferências analógicas de denominações”, uma vez que poderá estabelecer relações entre as formas da língua e suas significações. Isso ocorre devido à estrutura relacional que a linguagem oferece (Cf. Benveniste, 2020), possibilitando que no discurso palavras e conceitos se relacionem, produzindo signos que se diferenciem dos seus referentes materiais.

No final do texto “O aparelho formal da enunciação”, Benveniste (2023, p. 90) diz que “amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado aqui”, ou seja, a partir do quadro formal da enunciação muitas são as possibilidades de análise. Se muitas são as possibilidades de análise, nesta dissertação, assim como Golembieski (2022), dedicamos-nos a pensar que constituir analogias e associações no seu dizer exige que a criança realize deslocamentos complexos na língua-discurso: “Da base ao topo, desde os sons até as complexas formas de expressão, a língua é um arranjo sistemático de partes. Compõe-se de elementos formais articulados em combinações variáveis, segundo certos princípios de *estrutura*” (Benveniste, 2020, p. 32). As metáforas podem ser entendidas como uma das complexas formas de expressão evidenciadas pelo locutor no discurso, pois, ao empreender uma relação metafórica no enunciado é complexo, faz-se necessário que o locutor consiga deslocar o sentido de uma palavra de um contexto para outro contexto, estabelecendo essa analogia de sentidos na realização da língua no discurso. Isso desperta na criança com a aquisição da linguagem. Ao instaurar-se em uma língua, a partir das experiências na linguagem, a criança tem a possibilidade de realizar deslocamentos na língua-discurso e constituir analogias no seu dizer.

Ao pensar a metáfora pelo viés dos princípios benvenistianos, destacamos o que o autor conceitua como semiótico e semântico, no texto “A forma e o sentido na linguagem” (Benveniste, 2023), uma vez que só é possível instituir uma metáfora no discurso relacionando essas duas formas de ser da língua. O semiótico tem como unidade o signo, sendo esse “dotado de significação na comunidade daqueles que fazem uso de uma língua” (Benveniste, 2023, p. 227). O signo existe ou não em uma língua, não há signo que exista parcialmente, o qual é classificado como existente ou não pelos próprios falantes. “É no uso da língua que um signo tem existência; o

que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe” (Benveniste, 2023, p. 227).

A outra maneira de ser da língua é como semântica, sendo a palavra a sua unidade. Essa maneira nos leva a pensar a língua em emprego pelos seus falantes.

A noção de semântica nos introduz no domínio da língua em emprego e em ação; vemos desta vez na língua sua função mediadora entre o homem e o mundo, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens. É a língua como instrumento da descrição e do raciocínio. Somente o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo, e por consequência a normalização do pensamento e do desenvolvimento da consciência (Benveniste, 2023, p. 229).

Assim, Benveniste (2023, p. 230) caracteriza a semiótica como “uma propriedade da língua” e a semântica como resultado “de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação.” Essas duas formas de ser da língua se implicam no uso: o falante ao enunciar em um ato individual de utilização da língua seleciona signos existentes no sistema linguístico; combina-os sintagmaticamente em forma de palavras; e organiza as palavras de tal maneira que possam produzir sentido na frase. A frase assume o papel de expressar uma ideia em um “aqui” e “agora” da enunciação. O sentido que as palavras exercem na frase está implicado no “aqui” e “agora” da situação enunciativa. Ao mobilizar no discurso um signo da língua, esse pode constituir um arranjo metafórico pela analogia de sentido que se estabelece naquele enunciado, a partir da semelhança de significação com outro signo linguístico.

Dessa forma, o locutor, ao expressar sua ideia através da frase, seleciona e combina palavras na sintagmatização do discurso; e, nessa seleção e combinação, o locutor poderá se apropriar de signos com tal significação que, ao expressá-los em forma de palavras organizadas em frases, será possível estabelecer uma relação metafórica entre os elementos que compõem o discurso.

Neste trabalho, o estudo sobre a metáfora se volta para os arranjos metafóricos, termo relacionado às maneiras de mobilizar as formas e sentidos da língua no discurso. Entendemos a linguagem como “faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza” (Benveniste, 2020, p. 30)”. É a

linguagem que possibilita mobilizar determinada língua. Ao mobilizá-la, são produzidos enunciados que possuem significação na situação enunciativa. No entanto, para que tal ideia possa se materializar no discurso, cabe ao locutor escolher como produzirá tal enunciado, sintagmatizando as palavras na frase de forma a atingir a significação que pretende enunciar ao interlocutor. O locutor estabelece o seu dizer por meio de arranjos.

Benveniste (2023, p. 103), no texto “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (1968), apresenta a seguinte afirmação referente ao arranjo:

A língua pode ser encarada no interior da sociedade como um sistema produtivo: ela produz sentido, graças a sua composição que é inteiramente uma composição de significação e graças ao código que condiciona este arranjo. Ela produz também indefinidamente enunciações graças a certas regras de transformação e de expansão formais; ela cria, portanto, formas, esquemas de formação; ela cria objetos linguísticos que são introduzidos no circuito da comunicação.

A língua possui o código que possibilita esse “arranjo”. Segundo Diedrich (2015, p. 50), “o ‘arranjo’ citado pelo autor é o arranjo da significação, o qual produz, indefinidamente, enunciações, com a criação de objetos linguísticos introduzidos na comunicação”. Assim, os arranjos manifestam a significação dos enunciados. A autora estuda os arranjos vocais e pontua que “Por meio da relação singular entre forma e sentido, os *arranjos vocais* que caracterizam as línguas em geral se particularizam no discurso por um ato do locutor que deles se apropria e se torna sujeito do seu dizer” (Diedrich, 2015, p. 69). Por isso, a criança, ao produzir suas narrativas, pode estabelecer arranjos vocais, significações nos seus enunciados, por meio de metáforas. Pode mobilizar a língua de maneira que estabeleça analogias entre formas e sentidos da língua, constituindo então arranjos metafóricos no seu dizer.

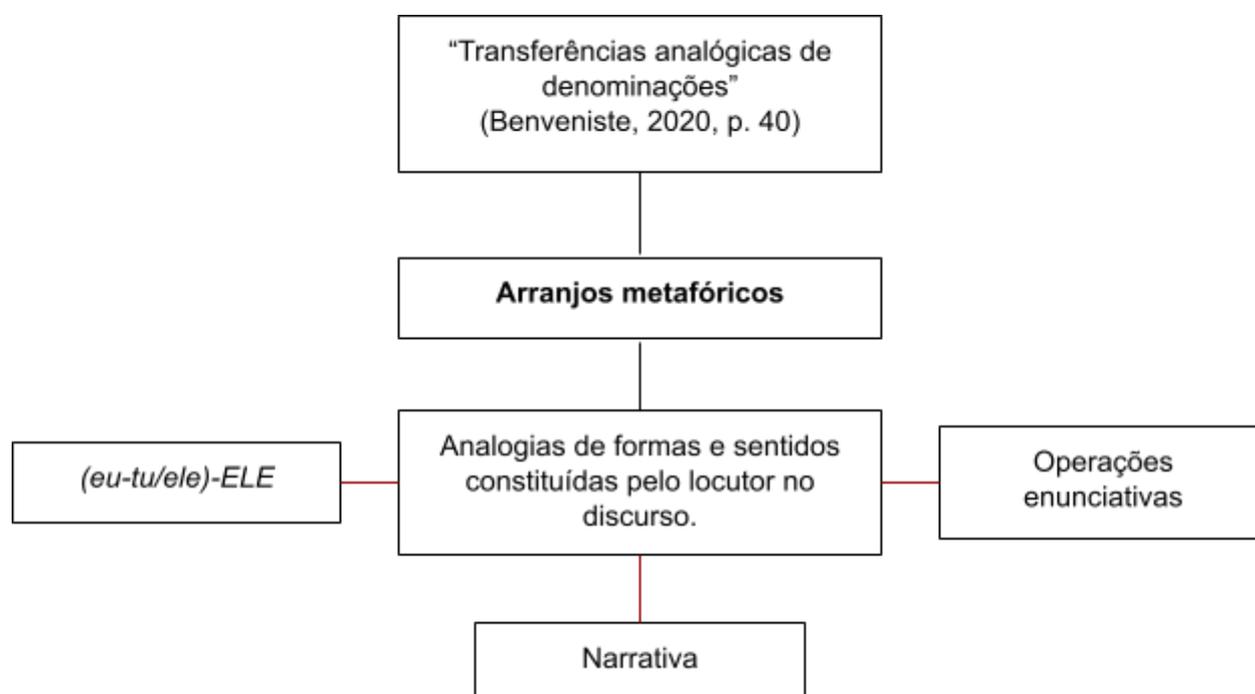
Os arranjos metafóricos se estabelecem a partir da definição de *sujeito da aquisição da linguagem* que pontuamos no capítulo sobre a aquisição da linguagem. É um sujeito que estabelece relações simbólicas com o outro e, nessas relações, refere e correferre, manifestando-se a reciprocidade entre *eu* e *tu*. No diálogo com o outro, neste processo de aquisição da linguagem, estão implicados os elementos propostos por Silva (2009) para caracterizar o processo de aquisição da linguagem: (*eu-tu/ele*)-*ELE* - a criança (*eu*), o outro (*tu*), a língua (*ele*) e a cultura (*ELE*). Todos

esses elementos se implicam para que se estabeleça um arranjo metafórico. Há um *eu* falando com um *tu*, em uma língua *ele* e em uma cultura *ELE*.

Além disso, para que se constitua um arranjo metafórico, a criança ocupa o seu lugar enunciativo (operação de preenchimento de lugar enunciativo), atribui referência no seu discurso para além da mostrada (operação de referência) e realiza deslocamentos entre as formas e sentidos da língua no discurso (operação de inscrição enunciativa da criança na língua-discurso), o que pode caracterizar uma analogia do seu dizer. Ademais, considerando essas definições, o discurso da criança pode se estabelecer por meio de narrativas de acontecimentos experienciados ou imaginários, possibilitando que se estabeleçam arranjos metafóricos nessa estrutura de mobilização da língua.

Cabe agora, então, apresentar uma figura sintetizando as definições que nos levam a entender as “transferências analógicas de denominações” (Benveniste, 2020, p. 40) como arranjos metafóricos, os quais podem se estabelecer desde o processo de aquisição da língua materna.

Figura 4: Síntese dos arranjos metafóricos



Fonte: elaborado pela autora (2024)

Por fim, os arranjos metafóricos, como descrevemos em síntese no início deste capítulo, não são elementos prontos ou dados pela língua, mas estabelecidos pelo locutor ao mobilizar formas e sentidos da língua, na relação com o “outro” da interlocução e em um espaço e tempo de determinada situação enunciativa. Por isso denominamos “arranjo” porque são produzidos, arranjados no discurso por um falante. Ao colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização, por meio de narrativas, por exemplo, o locutor pode transferir a significação de uma forma da língua para outra pela analogia com que se configuram no sistema linguístico. Para que possamos analisar esta definição na prática, elencamos princípios para guiar o nosso estudo. Descrevemos isso no próximo capítulo.

5 METODOLOGIA

Neste capítulo, definimos os princípios metodológicos que nos auxiliam a compreender os arranjos metafóricos nas narrativas das crianças, os quais nos guiam para elaborarmos os processos de transcrição e análise dos dados com que trabalhamos. Organizamos nossos princípios a partir dos conceitos enunciativos que fomos apresentando ao longo desta dissertação, destacando o que Benveniste (2023, p. 82) entende por enunciação: “é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. O locutor, ao colocar a língua em funcionamento por meio de narrativas, organiza o seu dizer a partir da mobilização de arranjos de formas e sentidos do sistema linguístico, valendo-se de transferências analógicas para instaurar os arranjos metafóricos no seu discurso. É com base nessa definição, a qual pensamos considerando o percurso teórico desenvolvido nas seções anteriores, que elaboramos nossos princípios metodológicos.

5.1 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS PARA O ESTUDO DOS ARRANJOS METAFÓRICOS NA NARRATIVA DA CRIANÇA

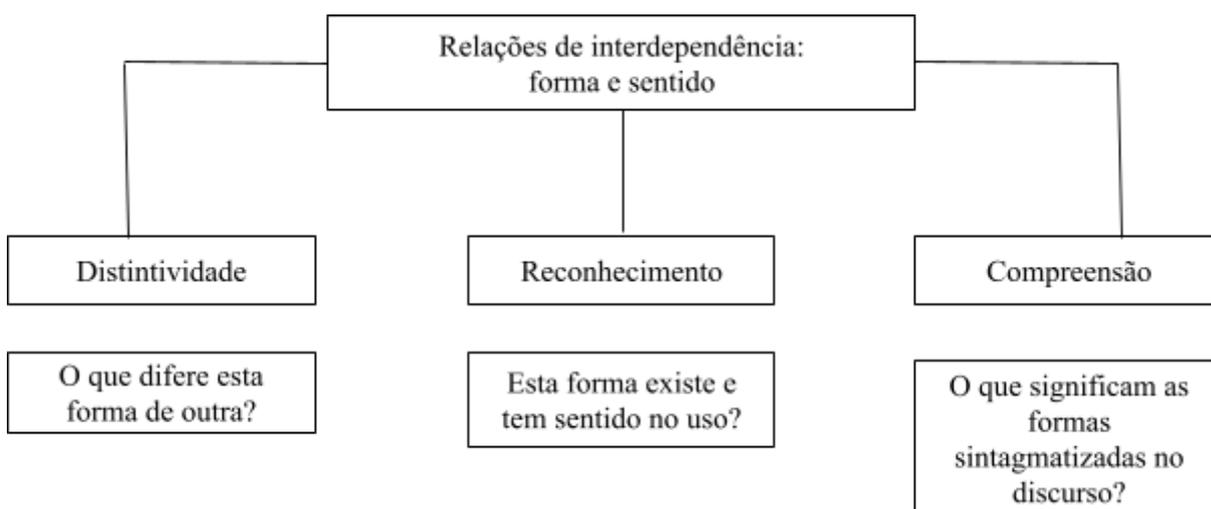
Pautamo-nos, nesta pesquisa, em uma concepção de língua e linguagem enunciativas apresentadas por Émile Benveniste no texto “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, assunto abordado no primeiro capítulo desta dissertação. É a “faculdade humana” (Benveniste, 2020, p. 30) que possibilita aos seres humanos adquirir uma língua e estabelecer relações simbólicas na sociedade na qual estão inseridos. Para Benveniste (2023), não há uma relação direta e natural entre o homem e o mundo, nem entre o homem e o homem, sendo a linguagem o aparato simbólico que estabelece essas trocas. A linguagem, com seu aparato, possibilita às línguas, cada uma na sua particularidade com a sociedade e sua cultura, ser o fator intermediário entre o homem e o homem e o homem e o mundo. Com essas definições, Dessons (2006) e Flores (2013) propõem estudos da linguagem a partir do que é apresentado por Benveniste nos estudos enunciativos. Nessa perspectiva, linguagem e homem constituem-se mutuamente: o homem define-se na linguagem e a linguagem, no homem. Isso nos leva a pensar que a significação na linguagem “não é qualquer coisa que lhe seja dada por acréscimo ou, numa medida mais ampla, por uma atividade; é de sua própria natureza”

(Benveniste, 2023, p. 222). Para que se estabeleçam relações entre os humanos, a linguagem é manifestada em uma língua particular.

Antes de qualquer coisa a linguagem significa, tal é o seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano. Quais são estas funções? Elas são tão diversas e tão numerosas que enumerá-las levaria a citar todas as atividades de fala, de pensamento, de ação, todas as realizações individuais e coletivas que estão ligadas ao exercício do discurso: para resumi-las em uma palavra, eu diria que, bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver. Se nós colocarmos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar. (Benveniste 2023, p. 221).

Ao colocar a língua em funcionamento por um ato individual, o sujeito manifesta a cultura da sociedade em que está inserido. O autor (2023, p. 22) ainda afirma que “tudo que é do domínio da cultura deriva no fundo de valores, de sistema de valores. Da articulação entre valores. [...] Esses valores são os que se imprimem na língua”. Essa impressão dos valores relaciona-se à questão semiótica e semântica da língua, ambas referem-se à significação. Benveniste (2020; 2023) apresenta maneiras como a forma e o sentido se relacionam nessas duas formas de ser da língua:

Figura 5: Relações de interdependência: forma e sentido



Fonte: adaptado pela autora (2024) da proposta apresentada no artigo de Silva (2019)

A partir da figura que sintetiza as relações de forma e sentido, apresentamos detalhadamente como essas maneiras são descritas pelo autor. Iniciamos

pontuando o que é destacado no texto “Níveis da análise linguística”, que está relacionado à *distintividade*. Benveniste (2020, p. 134, grifos do autor) destaca que os níveis são fundamentais para que haja análise linguística, a qual é possível por meio de um procedimento que delimita como se unem, como se constituem. Esse procedimento se divide em duas operações: a segmentação e a substituição. “Segmentação e substituição não têm o mesmo alcance. Os elementos identificam-se em função de outros segmentos com os quais estão em relação de capacidade de substituição. A substituição, porém, pode operar também sobre elementos não segmentados”. Por exemplo: Mala, pode ser segmentada em m a l a e pode haver a substituição do fonema /m/ por /f/: fala ou por /s/: sala e há ainda outras possibilidades. Pensamos agora no fonema /b/, ele pode ser substituído por outro, mas não pode ser segmentado como no caso anterior. Isso porque “se os elementos segmentáveis mínimos se identificam como *fonemas*, a análise pode ir além e isolar no interior do fonema *traços distintivos*. Esses traços distintivos do fonema, porém, já não são segmentáveis, embora identificáveis e substituíveis.” Com isso, o autor afirma que podemos segmentar os elementos da língua até o nível fonemático, enquanto tratando-se da substituição pode ir a um nível inferior, o alomorfemático.

Cabe, então, a partir dos níveis, pensar que “o sentido é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status* linguístico” (Benveniste, 2020, p. 136), sendo definido o sentido de uma palavra, por exemplo, não necessariamente como aquele quando se pensa nela isoladamente, mas, sim, naquele que se instaura na frase

Uma frase constitui um todo, que não se reduz à soma das suas partes; o sentido inerente a esse todo é repartido entre o conjunto dos constituintes. A palavra é um constituinte da frase, efetua-lhe a significação; mas não aparece necessariamente na frase com o sentido que tem como unidade autônoma. (Benveniste, 2020, p. 138).

Ao pensar no sentido de um elemento da língua enquanto significante, semiótico, atribui-se que tem significação ao “constituir uma unidade distintiva, opositiva, delimitada por outras unidades, e identificável para os locutores nativos, de quem essa língua é a língua” (Benveniste, 2020, p. 142). Já pensando na frase, essa tem referência e sentido: “sentido porque é enformada de significação, e referência porque se refere a uma determinada situação” (Benveniste, 2020, p. 143).

Além da *distintividade*, evidencia-se *reconhecimento*. Para aprofundar essa relação, destacamos considerações sobre o semiótico e o semântico apresentadas no texto “A forma e o sentido na linguagem”. De início, ao apresentar o signo, Benveniste (2023, p. 223, grifo do autor) afirma que é uma unidade semiótica. Como a linguagem “não releva do mundo físico; ela não é nem do contínuo, nem do idêntico, mas bem ao contrário, do descontínuo e do dissemelhante”, possui unidades que podem ser segmentadas ou substituídas as quais podem se juntar e formar novas de nível superior. No entanto, além do nível superior, o signo tem um limite inferior, que é o da “*significação*; não podemos descer abaixo do signo sem perder a *significação*”. O autor explica, a partir dos estudos de Saussure, o que é *significante* e *significado* e como esses se relacionam com a forma e o sentido. “O *significante* não é apenas uma sequência dada de sons que a natureza falada, vocal, da língua exigiria; ele é a forma sonora que condiciona e determina o *significado*, o aspecto formal da entidade chamada signo” (Benveniste, 2023, p. 224). Já o *significado* do signo está diretamente relacionado com a existência desse. Se os falantes aceitam, *reconhecem* e o relacionam com outros signos, é o suficiente para que este exista. “No plano do *significado*, o critério é: isto *significa* ou não? *Significar* é ter sentido, nada mais. E este *sim* ou *não* só pode ser pronunciado por aqueles que manuseiam a língua” (Benveniste, 2023, p. 225-226). Com isso, compreendemos que quando referimos o semiótico, nessa perspectiva, tratamos de algo que necessita ser identificado no sistema da língua.

Ademais, nesses estudos, de acordo com Benveniste (2023, p. 227), “há duas maneiras de ser língua no sentido e na forma”: semiótica - *significar* - e semântica - *comunicar*. Foram apresentadas algumas considerações sobre a semiótica. Passamos agora para a semântica. Essa noção nos leva a pensar a língua em uso: “em emprego e em ação; vemos desta vez na língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo.” Nesse viés, não se trata especificamente do *significado* do signo, mas da intenção do locutor ao mobilizar a língua, do que ele quer dizer, da *compreensão* do enunciado.

Se a unidade da semiótica é o signo, a unidade da semântica é a palavra. As palavras são organizadas sintaticamente pelos falantes para formar frases, as quais são a expressão semântica e tem seu sentido expresso pela “*ideia*” (Benveniste, 2023, p. 229) que transmite. A organização dos elementos da língua nos enunciados possibilitam que seja estabelecido determinado sentido em tal situação enunciativa,

pois “que a ideia só encontre forma num agenciamento sintagmático, esta é uma condição primeira, inerente à linguagem” (Benveniste, 2023, p. 229).

Cabe ainda destacar na semântica como é compreendido o sentido: “O sentido de uma frase é sua ideia, o sentido de uma palavra é seu emprego” (Benveniste, 2023, p. 229). Para expressar uma ideia, o locutor sintagmatiza palavras que terão um sentido particular na situação enunciativa. Dependendo da situação, é possível compreender o sentido de cada palavra individualmente, porém ao sintagmatizá-las na frase não é possível obtê-lo. Ou, ao contrário, como referido no capítulo 2, a palavra isolada enunciada pela criança pode não ter sentido, mas, ao ser sintagmatizada na frase, passa a significar naquela situação enunciativa, o que possibilita que seja compreendida pelo “outro” da interlocução. Isso acontece por causa da referência a que cada palavra se relaciona no uso da língua.

Se o “sentido” da frase é a ideia que ela exprime, a “referência” da frase é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou de fato a que ela se reporta e que nós não podemos jamais prever ou fixar. [...] A frase é então cada vez um acontecimento diferente; ela não existe senão no instante em que é proferida e se apaga neste instante; é um acontecimento que desaparece. (Benveniste, 2023, p. 230).

Ao pensar língua como sistema e a língua como discurso, surge o termo proposto pelo autor, língua-discurso, no texto “A forma e sentido na linguagem” (2023), o qual nos leva a pensar que há um duplo sistema em ação na língua: é necessário que exista no sistema para que possa ser empregado no discurso; é necessário que exista no semiótico para que possa ser empregado no semântico. A língua-discurso é a mobilização das formas da língua para que possa ser expresso tal sentido no discurso.

Com base nisso, se as relações humanas se estabelecem pelo aparato simbólico, então a aquisição da língua também é possível devido a essa propriedade. “De fato, é pela propriedade de significar da linguagem – constitutiva do homem como ser simbólico – que cada um pode se instaurar como falante, escrevente, leitor e ouvinte em uma língua particular, inseparável de uma sociedade particular com a sua cultura” (Silva, 2019, p. 79). Dessa forma, a aquisição da língua ocorre por meio da relação da criança com outros que falam. São esses que lhe apresentam a palavra desde muito cedo, já que ainda quando o bebê não pronuncia formas da língua, o “outro” atribui significação àquilo dito, possibilitando, assim, que a criança signifique no mundo. Pelas experiências simbólicas com o

“outro”, com o *tu*, a criança torna-se falante, passa a se comunicar por signos que compõem a sua língua, mobilizados no discurso, realidade entendida como a língua em emprego.

Inicialmente, a criança precisa do “outro” para significar o seu dizer. É o “outro”, o interlocutor adulto, quem atribui sentido aos balbucios, aos choros, aos sorrisos. É nessa troca, desde muito cedo, na e pela linguagem, que a faculdade de *simbolizar* possibilita aos seres humanos, por estarem sempre no simbólico da linguagem, estabelecerem relações de significação na sociedade via discurso. Essa capacidade desperta logo ao nascer na criança, “na aurora da sua vida consciente” (Benveniste, 2020, p. 37). Com base nisso e em outros princípios benvenistianos, Silva (2009) concebe a aquisição da linguagem como “ato” - ato de adquirir uma língua, e apresenta um dispositivo teórico-metodológico para caracterizar o processo de aquisição da linguagem: (*eu-tu/ele*)-*ELE* - a criança *eu*, o outro do convívio *tu*, a língua *ele* e a cultura *ELE*. Todos esses elementos se implicam para que haja a aquisição da língua.

Desse modo, entendemos os deslocamentos como o movimento que permite à criança deixar de ser apenas convocada e passar a convocar o interlocutor na situação enunciativa, assim como, estabelecer referências com a língua e com a cultura. As funções inter-humanas do discurso são um dos fatores que possibilitam o agir sobre o “outro”. Através de perguntas, afirmações, negações, exclamações, a criança se marca como o *eu* da enunciação em diálogo com um *tu*, estabelecendo a relação de intersubjetividade entre *eu* e *tu*.

Nessa perspectiva, concebe-se a linguagem como indissociável do homem, “se digo que o homem não nasce na natureza, mas na cultura, é que toda criança em todas as épocas [...] aprende necessariamente com a língua os rudimentos de uma cultura” (Benveniste, 1989, p. 23). É por meio da linguagem que a criança se insere na sociedade da qual faz parte, desde o seu nascimento; e, por meio dessa socialização com o “outro”, ela aprende determinada língua e, com esta língua, determinada cultura. É no convívio com o “outro” que a criança constitui-se falante da sua língua materna. A partir da relação com o “outro”, a criança se desloca em movimentos que envolvem a língua-discurso; nas relações de convívio, aprende a língua na qual está imersa, e passa a fazer uso dessa língua em narrativas, realidade linguística característica da vida em sociedade.

A partir disso, o **primeiro princípio** metodológico condutor de nossa análise envolve o fato de que a aquisição da linguagem se estabelece na relação com outros que falam. A criança instaura-se na sua língua materna ao conviver com outros que estabelecem relações de significação via língua em emprego, ao mobilizar formas e sentidos que imprimem valores culturais da sociedade em que o falante está imerso.

Partindo do princípio de que a criança estabelece relações simbólicas com o *tu* ao mobilizar formas e sentidos da língua no discurso, passamos a explicitar como definimos a narrativa neste estudo. Ao pensar essa como ato, Diedrich (2020) defende que a experiência na linguagem se presentifica na narrativa como uma evocação de experiências anteriores na linguagem. Essa afirmação se dá com base no que Benveniste (2020, p. 4), no texto “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” expõe como sendo narrativa: “sucessão de ruídozinhos vocais que se dissipam apenas emitidos, apenas percebidos.” Dessa forma, acreditamos que, ao ocupar um “lugar enunciativo”, a criança, na relação intersubjetiva com o *tu*, começa a narrar as suas vivências de um modo particular, à sua maneira, relacionando-se com o geral da língua e da cultura impressa nessa língua, o que se dá a conhecer, principalmente, nos arranjos vocais mobilizados no seu discurso.

Quando pensamos a narrativa, também voltamo-nos para os deslocamentos que a criança realiza entre as formas e os sentidos da língua enquanto sistema e a significação da mobilização da língua no discurso. Ao mobilizar as formas e os sentidos da língua no ato enunciativo de narrar, a criança se apropria do sistema já constituído de uma língua, e atualiza-o na singularidade do discurso, da língua em emprego num *aqui* e *agora*. Com as formas e sentidos atualizados, a criança recria, pela linguagem, um acontecimento vivido por ela ou representa um acontecimento imaginário. Essa característica não é exclusiva da criança, uma vez que todo falante apropria-se do sistema e atualiza-o no discurso durante toda vida. Nesta dissertação, estamos focalizando a narrativa da criança ao invés da do adulto, porque percebemos, nas manifestações enunciativas da criança, que ainda está se inserindo na sua língua materna, um terreno fértil para “brincar” com a língua, recriando realidades e experimentando de que maneiras pode mobilizá-la para a construção dos sentidos.

A narrativa (Cf. Diedrich 2021; 2022) é definida como uma forma complexa do discurso, destacando a complexidade das características que necessitam ser

mobilizadas no ato de narrar. Formas e sentidos e espaço e tempo são alguns aspectos que se destacam nessa maneira de instauração do discurso. Com essa definição, nosso **segundo princípio** de análise abrange a narrativa como uma realidade da sociedade humana, sendo que a criança, ao constituir-se na sua língua materna, passa a estabelecer o seu dizer por meio desta maneira de organização da língua.

No ato de narrar, a criança pode realizar deslocamentos na linguagem e instituir metáforas no seu dizer. Pela analogia de sentido das formas da língua, é possível atualizar o sentido de uma forma consagrada ao mobilizar a língua-discurso em uma relação intersubjetiva de uma situação enunciativa. Dessa maneira, ao colocar em funcionamento a língua de maneira a instituir novos sentidos no discurso, Benveniste (2020), no texto “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, utiliza o termo “transferências analógicas de denominações” para caracterizar as metáforas. Segundo Flores (2013, p. 168), “trata-se de uma metáfora que se constrói no discurso”. Não é algo preexistente, é uma construção que se dá no *aqui e agora* da enunciação. Ao mobilizar formas e sentidos da língua de tal maneira, o locutor pode estabelecer uma metáfora no seu dizer.

Assim, nesta pesquisa, nomeamos como “arranjos metafóricos”, sendo os arranjos entendidos a partir da afirmação de Benveniste (2023, p. 102), no texto “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, “a língua pode ser encarada no interior da sociedade como um sistema produtivo: ela produz sentido, graças a sua composição que é inteiramente uma composição de significação e graças ao código que condiciona este arranjo.” Esse arranjo é a mobilização das estruturas da língua para o locutor constituir o seu dizer. Nos estudos de Diedrich (2015, p. 50), “o ‘arranjo’ citado pelo autor é o arranjo da significação, o qual produz, indefinidamente, enunciações, com a criação de objetos linguísticos introduzidos na comunicação.

Considerando os arranjos metafóricos como a construção de novos sentidos que se estabelecem no discurso, temos nosso **terceiro princípio** de análise: as metáforas se constituem no discurso pela analogia de formas e sentidos da língua em uma situação enunciativa. Não são pré-estabelecidas pelo sistema linguístico, se constituem na situação do discurso.

Em suma, os princípios metodológicos discutidos ao longo deste subcapítulo e que guiarão a análise dos dados estão organizados no quadro 3.

Quadro 3: Síntese dos princípios metodológicos

Princípio 1: A aquisição da linguagem se estabelece na relação da criança com outros que falam. A criança instaura-se na sua língua materna ao conviver com outros que estabelecem relações de significação via língua em emprego, ao mobilizar formas e sentidos que imprimem valores culturais da sociedade em que o falante está imerso.

Princípio 2: A narrativa é uma realidade da sociedade humana, sendo que a criança, ao constituir-se na sua língua materna, passa a estabelecer o seu dizer por meio desta maneira de organização da língua. Os arranjos metafóricos são expressão desse dizer.

Princípio 3: Os arranjos metafóricos se constituem no discurso pela analogia de formas e sentidos da língua em uma situação enunciativa. Não são pré-estabelecidos pelo sistema linguístico, se constituem na situação do discurso.

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Assim, finalizamos nossa delimitação dos princípios metodológicos e passamos para a descrição das normas de transcrição utilizadas para representar os dados de fala de forma escrita.

5. 2 NORMAS DE TRANSCRIÇÃO

Transformar enunciado falado em enunciado escrito requer um olhar minucioso do pesquisador para que a produção oral possa ser registrada nesse outro formato. Diedrich (2017, p. 718-719) explica que

O papel do pesquisador, na função de transcritor, é, inicialmente, o papel de percepção das emissões vocais, com toda a complexidade gestual e corporal que caracteriza as vocalizações com as quais ele trabalha. Na sequência, o mesmo transcritor passa à atividade de registro escrito dessas emissões vocais, o qual precisa ser lido pelas demais pessoas, a fim de que, de fato, a pesquisa possa se dar a conhecer. Na base desses dois processos, está a língua, o que nos leva a entender as relações possíveis entre a fala e a escrita.

Assim, cabe ao pesquisador escolher como registrar a fala na escrita de maneira que o leitor possa compreender determinada situação enunciativa. No ponto de vista enunciativo, a transcrição requer um olhar para as particularidades dos dados, considerando “a relação do sujeito com o ‘outro’ e com a língua a cada ato enunciativo” (Silva, 2009, p. 158). O transcritor precisa elaborar normas que possibilitem registrar as singularidades que são manifestadas na fala da criança. Por

se tratar de fala de criança, cabe ao pesquisador deter-se nessa experiência de aquisição da língua. Essa ideia de experiência surge a partir do que Silva (2009) propõe. A autora denomina os dados como fatos de linguagem e, por assim ser, pensa-se na aquisição como experiência de significar, o que é explicado por Diedrich (2017, p. 714), “não se trata de comparar essa experiência à experiência do adulto, mas de buscar entender o mover da criança no mundo do adulto via linguagem e buscar recursos de registro dessa experiência.”

Essa concepção surge com base no que Benveniste (2023, p. 84) afirma: ele implanta o *outro* diante de si”. O transcritor assume o papel de *tu* em relação ao *eu* - locutor, o que demanda muitas implicações ao assumir essa posição. Se o transcritor assume a posição de *tu* do dado que lhe é de responsabilidade a transcrição, isso implica que cada transcrição é única, a qual se constitui do ponto de vista desse *tu*, conforme explica Flores (2006, p. 74), “Cada transcrição é sempre única, singular e não linearmente extensível: é o efêmero”.

Com essa concepção enunciativa, nesta pesquisa, são analisados quatro recortes enunciativos de fala de duas crianças, de 3 e 5 anos de idade. Esses dados fazem parte do corpus do projeto de pesquisa “Narrativas de crianças no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem”, que foi financiado pela Fapergs e coordenado pela orientadora da mestranda. Os dados encontram-se transcritos, portanto serão utilizados conforme constam no projeto.

Quadro 4: Normas de Transcrição

Procedimentos	Recurso
Sinais de pontuação e letra maiúscula em início de período	Não se registram
Pausas indicativas de fechamento de período e pausas em geral	Reticências ...
Pausas consideradas longas	Repetem-se as reticências
Entonação ascendente	Letra maiúscula
Entonação descendente	Sublinhado
Alongamento	Repetição da letra indicativa do fonema alongado

Silabação	Separação silábica com traços entre as sílabas
Exclamações e interrogações	Pontos característicos
Simultaneidade das falas	Colchetes unindo os segmentos simultâneos
Incompreensão	Entre parênteses (INCOMPREENSÍVEL)

Fonte: Projeto “A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem” (2022).

Dessa forma, a pesquisa do ponto de vista da sua natureza é aplicada, pois “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 51). Assim se classifica porque analisa recortes enunciativos de crianças para explicar e exemplificar a teoria em questão. Quanto aos seus objetivos, é exploratória, já que buscará mais informações sobre o assunto que é investigado, visando “proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito ou construindo hipóteses sobre ele.” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 127).

Por tratar-se de uma pesquisa exploratória, os procedimentos técnicos são bibliográficos e estudo de caso, o que é explicado por Prodanov e Freitas (2013, p. 51-52) “quando a pesquisa se encontra na fase preliminar, tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar [...]. Assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso.” Classifica-se como bibliográfica porque é organizada a partir de material já publicado. São utilizados autores que estudam os princípios benvenistianos na área da aquisição da linguagem, da narrativa, dos arranjos e, a partir deles, pensaremos os arranjos metafóricos na narrativa da criança. E estudo de caso porque analisa detalhadamente recortes enunciativos de duas crianças, buscando compreender o que é proposto teoricamente.

Quanto à abordagem, é qualitativa, considerando “que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 70). Estudamos dados de duas crianças, os quais foram coletados durante o período de isolamento social causado pela pandemia de

Covid-19. Como não era possível os pesquisadores terem acesso às crianças, os pais foram orientados quanto à maneira de realizar as gravações. As filmagens ocorreram enquanto a criança agia de maneira espontânea durante as suas brincadeiras cotidianas.

Descritas as normas de transcrição, passamos agora da teoria à prática. Escolhemos quatro recortes enunciativos para analisar a partir dos princípios metodológicos elencados.

6 DA BORBOLETA COM TATUAGEM AO BESOURINHO SEM NOME: ANÁLISE DE DADOS DE FALA DE CRIANÇAS

Neste subcapítulo, apresentaremos 4 dados de falas de 2 crianças, de 3 e 5 anos de idade. Estes dados foram coletados durante a pandemia de Covid-19 e compõem o corpus do projeto de pesquisa “Narrativas de crianças no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem”, coordenado pela orientadora desta dissertação. As 2 crianças são 2 meninas que estavam em suas casas, sem poder ir à escola devido às restrições impostas pelo Covid-19.

Começamos apresentando as normas de transcrição utilizadas para representar um recorte enunciativo que compõem esta pesquisa. No alto da tabela, há informações sobre a situação da coleta do dado, quem são os envolvidos e a idade da criança. No corpo da transcrição, são identificadas as pessoas envolvidas, as gestualidades e explicações que auxiliam na descrição da situação. Isso é apresentado com os dizeres:

Quadro 5: Descrição dos termos da transcrição

<p>Situação, trilha na qual se descreve a cena vivenciada pela criança e pelos demais participantes;</p> <p>Lavínea, trilha na qual se apresenta a fala da criança;</p> <p>Mãe, trilha na qual se apresenta a fala da mãe;</p> <p>Corpo, trilha na qual se descrevem aspectos da gestualidade da criança no momento em que ela enuncia;</p> <p>Comentário, o qual compreende informações relevantes para a situação enunciativa.</p>

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Com base nisso, apresentamos os 4 dados, os quais são analisados à luz dos princípios metodológicos apresentados anteriormente. Levaremos em conta os três princípios já anunciados em nossa análise, os quais comparecem, em nossos comentários, integrados entre si, na busca de respondermos à questão que norteia nossa investigação: **Qual o papel dos arranjos metafóricos produzidos nas narrativas de duas crianças, de 3 e 5 anos de idade, em sua trajetória de**

constituição na língua? A partir disso, iniciamos destacando nas análises os arranjos metafóricos constituídos na narrativa da criança. As “transferências analógicas de denominações” (Benveniste, 2020, p. 40), intituladas neste trabalho como “arranjos metafóricos”, são construções entre formas e sentidos da língua que se estabelecem no discurso, na língua em uso. Com isso, a semelhança entre os elementos da língua e sua significação contribuem para que se constitua um arranjo metafórico. Como faz a criança ao deslocar o sentido de uma forma da língua para outra para denominar algo que é referido no discurso?. Benveniste (2020, p. 40-41) afirma que a criança “descobre as coisas pelo seu nome; descobre que tudo tem um nome e que aprender o nome lhe dá a disposição das coisas.” Em busca de nomear as coisas ao seu redor, a criança estabelece transferências de formas e sentidos pela analogia que se instituem no sistema da língua.

No centro da discussão, encontra-se a narrativa. Nos dados que compõem este estudo, temos duas crianças que constituem o seu dizer por meio dessa maneira de mobilização da língua. Ressaltamos que, neste estudo, a narrativa não é concebida a partir de modelos prontos, mas se estabelece na língua em uso, entre *eu* e *tu* num *aqui* e *agora* da situação enunciativa. Nessa relação entre a criança e o “outro” da enunciação, retomamos o dispositivo proposto por Silva (2009) (*eu-tu/ele*)-*ELE*, o qual caracteriza a aquisição da linguagem e, neste ato de aquisição, a criança pode mobilizar a língua por meio de narrativas, uma vez que essa forma de organização do discurso faz parte da sociedade em que está inserida. Assim, (Cf. Diedrich, 2022) pensamos a relação da narrativa com o dispositivo ao considerar que a criança (*eu*), ao narrar para um *tu*, mobiliza formas e sentidos da língua (*ele*) a partir dos seus valores culturais (*ELE*) que se manifestam nos discursos da criança na sociedade em que está imersa. Com isso, a criança pode constituir no discurso narrativas de acontecimentos experienciados ou imaginários, realidades que passam a serem conhecidas pelo *tu* quando esse tem acesso à narrativa da criança.

Ao pensar a narrativa como ato, Diedrich (2022) defende que a experiência na linguagem se presentifica na narrativa como uma evocação de experiências anteriores na linguagem. São as experiências que se marcam na língua-discurso e que podem reproduzir um acontecimento vivido ou um acontecimento imaginado pela criança. Por meio do ato de narrar, as experiências são recontadas, conforme

explica Dessons (2006) o valor do prefixo *re* nos estudos benvenistianos. Há a ideia de repetição de algo experienciado, como as formas da língua, por exemplo, mas, o momento da enunciação é outro. É um outro *aqui* e *agora*. Dessa maneira, o *recontar* é sempre novo. É composto por algo que já foi dito, no entanto a enunciação é outra, o que expressa a ideia de novidade, justificando-se a partir do proposto por Benveniste (2023) de que a enunciação é única e irrepitível.

Quando pensamos a narrativa, também voltamo-nos para os deslocamentos que a criança realiza entre as formas e os sentidos da língua enquanto sistema e enquanto discurso. No ato enunciativo de narrar, a criança se apropria do sistema já constituído de uma língua, e atualiza-o na singularidade do discurso, que envolve a relação entre *eu* e *tu* num *aqui* e *agora* da língua em emprego. Com as formas e sentidos atualizados, a criança recria, pela linguagem, um acontecimento vivido por ela ou *representa* um acontecimento imaginário.

É com essa concepção que analisamos os arranjos metafóricos na narrativa da criança na sua trajetória de aquisição da língua materna. Assim, ao final de cada análise, dedicamo-nos a observar as características da aquisição da linguagem na fala de cada criança. É com o “outro” que a criança mobiliza formas e sentidos da língua no discurso para constituir o seu dizer. Com isso, retomamos o dispositivo proposto por Silva (2009) para caracterizar o processo de aquisição da linguagem (*eu-tu/ele*)-*ELE*. Nos quatro recortes enunciativos, observamos como a criança (*eu*), a mãe (*tu*), a língua (*ele*) e a cultura (*ELE*) se implicam no ato de aquisição da língua materna. Assim, a perspectiva se pauta na subjetividade do locutor, a qual se constitui através da intersubjetividade (relação entre *eu* e *tu*).

Descrito o percurso que faremos, apresentamos a transcrição de cada um dos 4 dados e as considerações sobre cada um deles. Iniciamos com o dado da Anita narrando para a mãe que a borboleta tem “tatuagem”.

Quadro 6: Recorte enunciativo 1 - Tatuagem

Situação: Anita, 3 anos e 9 meses, e a mãe estão na sala de estar da casa. A mãe está sentada no sofá. Anita está em pé segurando uma fantasia de asas de borboleta. A televisão está ligada, por isso há sons emitidos durante os enunciados da menina.

Anita	uma borboletinha ela tava voando voando depois ela encontrou uma menina que não desistia ela foi pro soninho dela e depois ... ela foi pra baixo e pra cima e pra baixo e ... e para baixo e pra cima pra baixo e pra cima depois ela encontrou uma senhora e foi lá perto dela e pausou ...
Comentário	Vai até a mãe.
Anita	e depois
Comentário	Mexe nos enfeites da asa da borboleta que são brilhantes (produzidos com material semelhante a cola glitter).
Anita	ô mãe parece que tem tatuagem né?
Mãe	é o brilho dela né?
Anita	ô mãe parece que tem tatuagem né?
Mãe	aham
Anita	e e ô mãe e depois a senhora deu carinho nela depois depois deu comida pra ela
Comentário	Ergue as asas e faz um barulho referente ao comer a comida que a senhora deu à borboleta.
Anita	depois ela voou pra longe encontrou outra senhora ela sentou perto dela e não parecia e e ela não desistia, tá! e depois ela ela foi abraçar a senhora essa é a vizinha dela e fim ... tem outra parte depois ela foi para outra direção ela encontrou uma menina ... que deu um abraço nela deu comida tudo ... depois ela encontrou a mãe dela ... depois e fim.
Corpo	Coloca as asas no chão.
Anita	ô mãe tu quer ser uma borboleta? então então ô mãe então tu precisa colocar isso
Comentário	Anita refere-se a colocar as asas da borboleta.
Mãe	eu acho que isso não serve na mãe né?
Anita	num sei
Mãe	(ri)
Anita	ô mãe ...

Fonte: Projeto "A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem" (2022)

No recorte enunciativo 1, intitulado “tatuagem”, a criança Anita aponta para um desenho que há na asa da borboleta e destaca “ô mãe parece que tem tatuagem né?”. Com essa questão, a mãe responde “é o brilho dela né?”. Após a resposta da mãe, a criança insiste “ô mãe parece que tem tatuagem né?” e a mãe afirma “Aham”. A menina, enquanto narra a história da borboleta para a mãe, manifesta um arranjo metafórico, transferindo a significação de um elemento da língua para outro. O brilho da asa da borboleta no discurso da Anita não era simplesmente o brilho, mas lembrava uma tatuagem, ao constituir um vínculo com o ser humano. Anita estabelece analogia entre esses elementos da língua e traz uma nova denominação. Não é o brilho como a mãe diz. A menina constitui o arranjo metafórico “tatuagem”, pois ela estabelece analogia entre as formas e sentidos da língua e dá um novo nome para o que está vendo nas asas da borboleta.

A menina enuncia a questão da vestimenta “ô mãe tu quer ser uma borboleta? então então ô mãe então tu precisa colocar isso”. Para a mãe ser uma borboleta, a menina enuncia que ela precisa colocar as asas, estabelecendo uma relação entre o animal e o ser humano, já que este último não tem asas. As asas possibilitam que a mãe seja uma borboleta - arranjo metafórico. A “imaginação criadora”, a qual pode se estabelecer no discurso por meio de arranjos metafóricos, possibilita que a criança, no ato de narrar, narre mais do que um fato experienciado. Possibilita que constitua no seu discurso uma narrativa de um acontecimento imaginário mobilizando formas e sentidos da língua-discurso para significar e expor ao “outro” da interlocução cenários que existem na sua imaginação e que se concretizam na mobilização da língua no discurso.

Anita, segurando uma fantasia de asas de borboleta na mão, narra a história da borboleta à mãe. Nesse recorte, Anita não conta somente um acontecimento vivido por ela, mas manifesta sua “imaginação criadora” por meio da narrativa, que possibilita à menina constituir essa narrativa imaginária. A menina faz movimentos com as asas da borboleta e vai narrando a história. As asas da borboleta enriquecem a narrativa de Anita. A partir delas, toda narrativa se desenvolve. Além disso, a criança Anita faz uso de verbos no passado, o que caracteriza o tempo da narrativa, e diz que “ela tava voando voando”, “encontrou uma senhora”, “encontrou uma menina”, enunciados que expressam o espaço onde o acontecimento da narrativa se constituiu.

A menina já convoca a mãe para participar da situação enunciativa. A mãe (*tu*) participa da narração da filha, o que associamos ao princípio da reversibilidade enunciativa, segundo o qual *eu* assume papel de *tu* e *tu* de *eu*. A criança mobiliza as funções inter-humanas do discurso enquanto narra a história para a mãe. Um exemplo é quando a menina, durante a descrição dos fatos, interrompe o que está apresentando e questiona: “ô mãe parece que tem tatuagem né?”. Por meio de afirmações e interrogações, a menina constitui o seu discurso.

Além da borboleta com tatuagem, Anita narra a história da minhoquinha “Dilarida”. A narrativa encontra-se a seguir, no Quadro 7.

Quadro 7: Recorte enunciativo 2 - Minhoquinha Dilarida

Situação: Anita, 3 anos e 10 meses, conta uma história para a mãe, enquanto elas e o irmão estão no quarto da casa onde moram.	
Comentário	Anita tem uma meia colocada na mão.
Anita	uma minhoquinha que estava passeando no telhado depois ela quase caiu, quase caiu depois ela ... ela ... ela foi pra sua toca ... e virou uma borboleta depois ela comeu as folhas e as maçãs foi em uma troca de ar ...
Irmão	eiii
Anita	o tronco de árvore, um tronco de árvore e a maçã ela ela fez um buraco para fazer a sua janela e e a sua porta depois ... ela foi pra sua maçã e virou uma borboleta depois ela voou ... e viveu ... e viveu na maçã fim
Corpo	Faz barulho com a boca, mexe o corpo, tira a meia da mão.
Anita	era a minha mão.
Corpo	Coloca a meia na outra mão.
Anita	agora vou fazer com a outra mão agora vou fazer um vídeo legal ... da minhoquinha ... dilarida que ela ... que ela comia tudo aí crescia e ... e virava uma borboleta bem mamãe era uma vez uma uma borboleta muito gulosa ... ela comia tudo ela comia bolo ... ela comia ... maçãs bem gulosa depois ela foi comer isso
Comentário	Uma fralda.
Anita	au ... ela foi comer uma maçã
Corpo	Olha para a mãe.

Anita	finge que isso era uma maçã tá mãããe!
Comentário	Faz referência à fralda.
Anita	a maçã ela comeu inteira ficou um buraco depois ela foi no buraco
Corpo	Coloca a mão dentro da fralda.
Anita	e ela viveu depois ela foi pra sua casinha e virou uma borboleta ela veio pra lá pra cá comendo tudo depois virou uma borboleta pequenininha fim
Corpo	Tira a meia da mão e agradece com o movimento de abaixar o tronco para frente.
Mãe	nossa ... como é que é o teu nome?
Anita	Anita
Mãe	e quantos anos tu tem Anita?
Comentário	Anita sobe na cama.
Corpo	Anita mostra três dedos que indicam a idade.
Mãe	isso ... muito bem ... parabéns!

Fonte: Projeto “A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem” (2022)

No recorte enunciativo 2, Anita dá um novo nome para a meia. É a “minhoquinha” no início da narrativa, depois é a “minhoquinha Dilarida”. A meia é a minhoquinha; a fralda, a maçã. Esses elementos fazem parte da narrativa imaginária que se estrutura com a mãe, a qual participa como ouvinte. Anita refere que a minhoquinha “ela foi pra sua toca ... e virou uma borboleta”. Para denominar o lugar que a minhoquinha vai para se transformar em borboleta, a menina usa “toca”, o que costuma ser chamado de casulo. Ela transfere a significação de um elemento da língua para outro e constitui este arranjo metafórico. Além dessa transferência, ao referir que a minhoquinha crescia e se transformava em uma borboleta, Anita diz que “ela comia tudo aí crescia e ... e virava uma borboleta bem mamãe”. Anita denomina a borboleta como “bem mamãe”, expressa um nome em que é possível estabelecer analogias com outros nomes da língua. A “mamãe” é grande, é adulta. Anita transfere a significação de um nome para outro nome pela semelhança com que se configuram.

Além disso, ao referir que a minhiquinha crescia e vira uma borboleta “bem mamãe”, a criança representa a metamorfose da lagarta até virar borboleta, sendo, neste discurso, denominada a lagarta de minhiquinha. Anita transfere a significação de um elemento da língua para outro para denominar o que é referido no seu discurso.

Ainda neste recorte, assim como no anterior, Anita recria uma realidade imaginária pela linguagem. Com a sua “imaginação criadora”, a menina narra acontecimentos das minhiquinhas. Assim como na narrativa anterior, a menina utiliza objetos que auxiliam na representação do que está sendo constituído no discurso. Uma meia na mão esquerda representa a minhiquinha e, ao colocá-la na mão direita, representa a minhiquinha “Dilarida” enquanto a fralda representa a maçã. Para que esses elementos tenham esse sentido, a menina faz combinados com a mãe “finge que isso aqui é uma maçã tá mãe?” e essa concorda, possibilitando o desenrolar da narrativa na proposta que a menina tinha como objetivo.

O início da narrativa da menina se dá com “era uma vez” e o término com “fim”, características próprias dos contos de fadas presentes na rotina da criança. Durante a narração, a criança utiliza a estrutura dos verbos no passado, semelhante ao recorte anterior, e marca a passagem do tempo com a estrutura “depois”. Era uma vez uma minhiquinha que viveu diversos fatos, até que foi morar na maçã e, com isso, a narrativa chega ao fim. Anita também especifica onde o acontecimento representado ocorre “foi pra sua toca” e “entrou na maçã”, por exemplo.

Essa criança, em ambos os recortes, manifesta acontecimentos imaginários que são possíveis de serem conhecidos pelo “outro” da situação enunciativa, no caso, a mãe, por meio da narrativa. Nesses acontecimentos imaginários, a menina não se coloca como personagem. Ela narra a história de outros. A borboleta e as minhiquinhas são personagens de histórias imaginadas pela menina e apresentadas à mãe por meio de elementos que auxiliam na representação dos fatos na narrativa.

Ademais, a menina novamente dialoga com a mãe ao narrar histórias da minhiquinha. Há acordos feitos entre elas para que o diálogo continue: “finge que isso aqui é uma minhiquinha tá mãe?”. Anita convoca a mãe para enunciar enquanto posiciona-se como *eu* da situação enunciativa. Há marcações na fala da criança que registram o tempo daquilo que está referindo: narra um acontecimento

imaginário que aconteceu com a minhoquinha, o que é registrado pelos verbos “estava”, “caiu”, “foi” e também diz o que vai fazer naquele momento “agora vou fazer um vídeo legal”.

Anita dialoga com a mãe e constitui suas narrativas com ela. Ao mobilizar as formas e sentidos da língua para constituir o seu dizer, Anita explícita a plena noção da estrutura de uma narrativa. A criança institui “era uma vez” para iniciar a história, “então” para evidenciar a sequência dos fatos”, assim como “fim” para marcar que concluiu o que estava apresentando. Anita narra acontecimentos imaginários que passam a ser conhecidos pelo outro pelo discurso.

Além da Anita, quem dialoga com a mãe é a Lavínea, uma criança na faixa dos 5 anos de idade, ao narrar acontecimentos para a sua mãe durante a pandemia de Covid-19. Em uma das narrativas, ela “ensina” a mãe a falar inglês, conforme consta a seguir, no Quadro 8.

Quadro 8 : Recorte enunciativo 3 - Palavras em inglês

Situação: Lavínia, 5 anos e 2 meses, “ensina” a mãe a falar inglês.	
Lavínea	tu sabe falar inglês?
Mãe	não!
Lavínea	parede em inglês gluquilei
Mãe	hummm que legal! e tu tá fazendo o quê?
Lavínea	eu tô brincando!
Mãe	hum então tá bom
Lavínea	tu sabe falar sofá em inglês?
Mãe	sofá? não!
Lavínea	Culipu
Mãe	hum
Corpo	mãe ri
Mãe	e tu aprendeu aonde essas palavras?
Lavínea	ããã sozinha

Mãe	sozinha?
Lavínea	uhum o tio Marlon que me ensinou
Mãe	ai que legal! e tu tá brincando do que agora?
Lavínea	de boneca
Mãe	hum tá bom pode continuar brincando a mãe tá mexendo no celular
Lavínea	sabe falar brinquedo em inglês?
Mãe	não!
Lavínea:	Bribilu
Mãe	aaaaa que legal!
Lavínea	e tomada em inglês tu sabe falar?
Mãe	tomada?
Lavínea	Uhum
Mãe	não!
Lavínea	Tipulu
Mãe	aaaa
Corpo	mãe ri
Mãe	que divertido aprender, né?
Lavínia	uhum... divertido!

Fonte: Projeto “A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem” (2022)

No recorte enunciativo 3, é a criança Lavínea quem institui arranjos metafóricos no seu dizer. A referência do discurso de Lavínea é a língua inglesa, e o sentido das palavras empregadas na situação enunciativa, na frase, é particular, é único, sendo a frase então “cada vez um acontecimento diferente; ela não existe senão no instante em que é proferida e se apaga neste instante; é um acontecimento que desaparece” (Benveniste, 2023, p. 230). Por mais que os signos

empregados por Lavínea como sendo da língua inglesa não correspondam de fato, na frase enunciada pela menina evoca um uso, o qual, de certa forma, é compreendido pela mãe, pois essa concorda, indaga, dialogando com a filha. Não há sentido no semiótico, mas há sentido no semântico, nessa situação de uso da língua. Fora desse diálogo, seria difícil atribuir tal significação a essas “palavras”.

Silva (2009) explica que as *formas enunciativas*, nem sempre de acordo com as da língua, adquirem sentido no emprego na frase, cabendo ao interlocutor compreender as *formas enunciativas* na situação de diálogo e transformá-las em *formas da língua*. No dado em questão, a mãe não transforma a *forma enunciada* em uma *forma da língua inglesa*, mas atribui sentido ao que foi dito, estabelecendo a *intersubjetividade*.

Ao narrar como são as palavras na língua inglesa, mantém o padrão silábico e fonemas do português, mas desvirtua a forma para que não coincida com nenhum signo da língua materna. Para a criança, as palavras em língua inglesa têm como característica terminar em “lu”. Dessa forma, transfere marcas do sistema da sua língua materna, por meio de arranjos específicos, para denominar “brinquedo” e “tomada” em outro sistema. A partir disso, abordamos o proposto no terceiro princípio, destacando que os arranjos metafóricos se constituem no discurso. A criança mobiliza fonemas da língua portuguesa que se assemelham aos sons da língua inglesa, criando, assim, palavras que não são signos da língua portuguesa, o que para a menina seriam, então, da outra língua. Para ser do inglês, precisa ser um arranjo diferente daqueles conhecidos pela menina.

Já a criança Lavínea mobiliza a língua-discurso para, em seu imaginário, ensinar a mãe a falar certas palavras em inglês. Os signos apresentados por Lavínea não são os da língua inglesa, mas também não são reconhecidos por ela como sendo integrantes do sistema da língua portuguesa. Lavínea, ao dizer para a mãe como falar determinadas palavras em outra língua, na língua inglesa, o signo precisa ser diferente daqueles que são conhecidos por ela e pela mãe, por isso acaba juntando sons identificáveis no sistema linguístico da língua portuguesa para criar signos que não possuem uma significação no semiótico dessa língua, nem na língua inglesa, mas constituem certa referência nesse discurso.

A partir do que o nosso segundo princípio de análise propõe, a narrativa de Lavínea se constitui ao contar para a mãe que sabe falar inglês. Narrar é uma realidade da sociedade em que a menina vive, dessa forma, mobiliza a língua dessa

maneira para constituir o seu dizer. Ao narrar como são as palavras na língua inglesa, mantém o padrão silábico e fonemas do português, mas desvirtua a forma para que não coincida com nenhum signo da língua materna.

Durante o discurso, ao ser questionada pela mãe, a criança diz que aprendeu as palavras com o “tio Marlon”, o qual é professor de inglês e faz parte das relações de convívio da menina. Também, a criança está ensinando à mãe, exercendo o papel de alguém que ensina, da professora, por exemplo, quem, inclusive, é mencionada em outros registros. Algo que também faz parte da cultura em que a criança vive é o aprendizado da língua inglesa através de palavras, é a troca de uma palavra de uma língua para a outra. Compreendemos isso como esquema cultural de uma sociedade particular, o que diz muito sobre o falante.

Ao enunciar, portanto, o homem não apenas mobiliza formas e sentidos particulares explicitados na língua da qual se apropria, ele mobiliza valores sociais, capazes de revelar muito acerca da sua história construída no seio de uma sociedade e da experiência por ele vivida no mundo que o cerca, os quais direcionam, em certa medida, o seu dizer (Diedrich, 2020, p. 614).

O diálogo com a mãe se caracteriza como uma narrativa pelo fato que a criança menciona que “foi o tio Marlon que me ensinou”, ou seja, ela está narrando algo que foi experienciado por ela, o que ela pode ter vivido de fato (o tio Marlon pode ter ensinado palavras em inglês a ela já que o tio é professor de Língua Inglesa) ou é um acontecimento imaginado pela menina e atribuído referência no discurso, uma vez que o tio exerce a função de ensinar o idioma e que, nessa situação, ela está assumindo esse papel.

Quando observamos a narrativa, neste dado, há a criança Lavínea “ensinando” a mãe a falar inglês. Diferente da Anita, ela não está narrando uma história com início, meio e fim. Ela dialoga com a mãe questionando se ela sabe falar inglês. Assim como a Anita, Lavínea faz uso das funções inter-humanas do discurso e das operações. É uma criança de 5 anos que já se encontra instaurada na sua língua materna, constituído o seu dizer com deslocamentos de formas e sentidos para aquela situação enunciativa.

Se o “tio Marlon” ensina inglês, a professora da escola da menina também é referida nas suas narrativas. O que a Lavínea narra sobre ela está na sequência, conforme podemos constatar no recorte enunciativo 4 apresentado no Quadro 9.

Quadro 9: Recorte enunciativo 4 - Besourinho sem nome

Situação: Lavínea, 5 anos e 3 meses, está sentada em uma cadeira próxima à mesa da cozinha e narra uma história para a mãe.

Lavínea	oh mãe hoje nós vamos aprender uma coisa que eu sei
Mãe	tá bom então me ensina
Corpo	Aponta para uma folha com desenhos que está na sua frente.
Lavínea	oh ... huuu ... quer dizer ... uma abelha
Mãe	tu aprendeu isso na escola?
Lavínea	uhum
Mãe	aaa
Lavínea	aprendi com a professora
Mãe	tá
Lavínea	alguém (tem) uma abelha, um homem tem uma abelha e ... uma menina criança achou uma borboleta e quis ficar com ela
Mãe	tá bom
Lavínea	e uma menin ...uuu ...e a mari uma mulher queria o passarinho
Mãe	aaa
Lavínea	e deixou
Lavínea	a mãe dela deixou... ela já era grande... já cresceu
Mãe	sim
Lavínea	e ela pegou o passarinho
Mãe	sim
Lavínea	e outra vez um menino criança achou um sapinho
Mãe	olha
Lavínea	ele estava pescando só com a mãe dele e o pai dele... os dois... e depois dois sapinhos ficou

Mãe	ai... que legal!
Lavínea	e depois outro dia... a vó da .. da menininha acho uma aranhazinha (não identificado)
Mãe	humm
Lavínea	e ela pegou ... e daí ... e ela queria ... e a aranhazinha queria escalar um pouquinho.
Mãe	escalar?
Lavínea	sim... a aranha escala né! e depois... outro dia... um menininho encont ... veio o sapinho na vó dele... a aranhazinha e o sapinho começaram a brincar
Mãe	hmm
Lavínea	e isso... e depois ele achou ... a irmã dele achou um besourinho que eu não sei o nome (não identificado) um besourinho normal de outra forma ela tá andando no pezinho dele ... dela e depois ele ele não gostava de ficar nos pezinho (dela)
Mãe	hmm
Lavínea	e depois ele começou a gostar de ficar no pezinho... entendeu?

Fonte: Projeto “A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem” (2022)

No recorte 4, Lavínea mobiliza arranjos metafóricos para caracterizar os personagens que compõem a sua narrativa. “Minininha criança” e “minininho criança” são formas que a criança mobiliza para nomear a quem ela está se referindo no curso da história que busca organizar.. O uso do diminutivo “inha” e “inho” contribui para caracterizar a criança. Ela é uma criança pequena e ele também. No final do recorte, a menina diz “a irmã dele achou um besourinho que eu não sei o nome (não identificado) um besourinho normal de outra forma”. Lavínea busca nomear o que está descrevendo no seu discurso. Como ela refere que não sabe o nome, mobiliza formas e sentidos para caracterizar o “besourinho”: “um besourinho normal de outra forma”. Ela constitui este arranjo metafórico para manifestar ao que se refere, quem é o animal que ela descreve, uma vez que ela

não sabe o nome dele. Lavínea refere que o “besourinho” “escalava”, o que faz com que atribua uma ação humana para o animal.

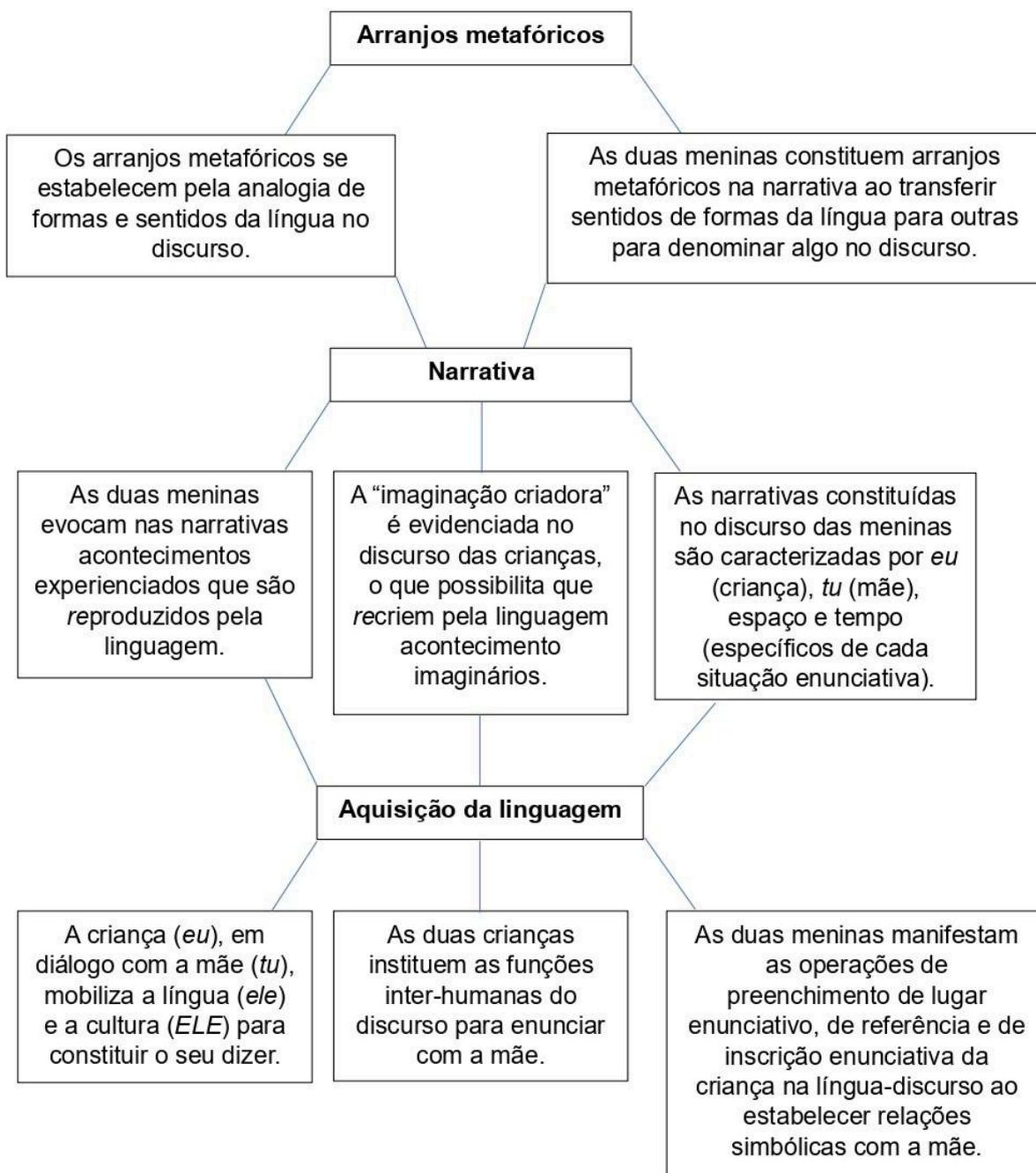
Novamente, neste dado, temos a menina ensinando o que aprendeu na escola à mãe. A partir das imagens mostradas em uma folha, as quais são parte de uma tarefa de tema de casa, a menina constitui a sua narrativa. Aponta para as imagens e estrutura a narrativa marcando espaço e o tempo em que as ações ocorrem (apresenta algo que aconteceu). Assim como no recorte anterior, caracterizamos este recorte como uma narrativa principalmente pelo fato da menina afirmar que vai contar uma história que aprendeu na escola com a professora. Institui-se, então, a evocação de uma experiência anterior que é recriada pela linguagem e são inseridos por Lavínea elementos imaginários para compor a narrativa.

Além disso, Lavínea narra para a mãe o que aprendeu na escola. A partir das imagens da folha que tem como tarefa de casa, cria uma história que é relatada à mãe. De forma semelhante aos recortes anteriores, a menina questiona, afirma, nega durante o seu discurso e convida a mãe a participar da situação de diálogo. Assim como Anita, mobiliza formas que marcam tempo e espaço, o que remete à operação de inscrição enunciativa na língua-discurso.

Por fim, ao analisar a inserção da menina na sua língua materna, depreende-se que a criança já se encontra constituída como falante, um falante que narra, o que lhe possibilita realizar deslocamentos na língua-discurso para instaurar o seu dizer. Os deslocamentos possibilitam a denominação de algo com um nome semelhante pela analogia das formas e sentidos que é estabelecida pela criança a partir da significação da língua.

Após o percurso feito até aqui, sintetizamos os princípios abordados na análise, destacando os principais pontos de cada um. Iniciamos ressaltando o que foi evidenciado referente aos arranjos metafóricos: se constituem pela analogia de sentidos que se estabelecem pela semelhança entre formas e sentidos da língua, posteriormente nos voltamos para a narrativa: as crianças narram acontecimentos reais que são recriados pela linguagem ou acontecimentos imaginários e, por último, relacionamos os arranjos metafóricos e a narrativa com a aquisição da linguagem, uma vez que mobilizando as funções inter-humanas do discurso e as operações, as crianças constituem o seu dizer, em um *aqui* e *agora* da situação enunciativa, com o outro do seu convívio.

Figura 6: Síntese das análises



Fonte: elaborado pela autora (2025)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o percurso teórico e metodológico desenvolvido durante esta dissertação, concluímos que a criança institui arranjos metafóricos ao mobilizar formas e sentidos da língua para denominar algo que é referido no seu discurso, o qual pode se constituir por meio de narrativas. Ao retomar os objetivos específicos da pesquisa, no capítulo 2, buscamos **refletir sobre como a aquisição da linguagem é teorizada nos estudos enunciativos**; no capítulo 3, nos debruçamos sobre a narrativa para **compreender os arranjos metafóricos produzidos nas narrativas de duas crianças em sua trajetória de constituição da língua a partir da perspectiva aquisicional enunciativa** e, no capítulo 4, nos dedicamos a **descrever os arranjos metafóricos a partir do procedimento técnico de estudo de caso**.

Ao considerar o percurso teórico desenvolvido e os dados analisados, ressaltamos que a criança vive experiências de significação no simbólico da linguagem e, ao fazer uso da língua, *ressignifica* essas experiências, as quais podem se estruturar por meio de narrativas com arranjos vocais específicos, apropriando-se das funções inter-humanas do discurso. Ela representa, assim, à sua maneira, o *aqui* e *agora* de determinada situação enunciativa. O dispositivo teórico-metodológico proposto por Silva (2009), (*eu-tu/ele*)-*ELE*, coloca a cultura *ELE* como implicada no ato de aquisição da linguagem, “esse *ELE*, como elemento da cultura, não está na linearidade do discurso, mas dele é constitutivo” (Silva, 2009, p. 222, grifo da autora).

Ao mobilizar a língua-discurso, o locutor-criança deixa marcas nos seus enunciados que dizem respeito à herança cultural da sua língua, conforme explica Oliveira (2016, p. 118) “língua e cultura relacionam-se no ato de aquisição da linguagem a partir do princípio da intersubjetividade, constitutivo da apropriação pela criança tanto do sistema linguístico quanto do sistema cultural”. A criança aprende com a língua, a sua cultura, no modo particular de estar na língua a partir das experiências que a cercam, na vivência com o “outro” de seu convívio. Nessas experiências culturais retratadas no simbólico da linguagem, o locutor-criança faz uso de determinados esquemas culturais, que são “os valores constitutivos da sociedade humana na cultura organizados e expressos em modos de enunciar, os

quais direcionam o movimento de atualização da língua em discurso, vivenciado pelo locutor a cada ato enunciativo” (Diedrich, 2020, p. 612).

A criança, ao produzir seus enunciados, deixa marcas que advêm da cultura em que está imersa. Assim, ao empreender arranjos no seu discurso, ela explicita as experiências na linguagem vivenciadas anteriormente na sua cultura, à sua maneira, no *aqui* e *agora* em que é participante.

Ademais, o viés teórico-metodológico ao qual nos pautamos nos conduz a pensar no *sujeito da aquisição da linguagem*, que é *cultural*, da *alocução* ou *dialógica* e *linguístico-enunciativa*, o qual foi proposto por Silva (2009), há as relações que caracterizam o processo de aquisição da linguagem, destacando-se nesta pesquisa a relação trinitária (*eu-tu/ele*)-*ELE*, desmembrando em a criança (*eu*), o outro de seu convívio (*tu*), a língua (*ele*) e a cultura (*ELE*), e pontuamos as operações enunciativas, nas quais a criança passa de convocada pelo “outro” a convocar o “outro” (*operação de preenchimento de lugar enunciativo*), estabelece relações com os acontecimentos experienciados ou imaginados (*operação de referência*) e possibilita que se constitua no discurso acontecimentos apenas imaginados (*operação de inscrição enunciativa da criança na língua-discurso*). Esses elementos são observados nos dados das crianças que compõem esta pesquisa, sendo que as duas meninas já ocupam o seu lugar enunciativo e convocam o “outro” a enunciar.

Sobre a narrativa, a entendemos como uma forma complexa do discurso (Cf. Diedrich, 2022), porque institui na sua constituição elementos do quadro figurativo da enunciação (Cf. Benveniste, 2023), com ênfase para as relações de tempo e espaço. Com base nisso, acreditamos que pela narrativa a criança tem a oportunidade de experienciar a propriedade simbólica da linguagem de maneira rica, o que se dá por meio da criação de mundos, atualizando formas e sentidos da língua materna em que está se instaurando. Nos dados observados, as meninas recriam acontecimentos pela linguagem, sejam eles experienciados por elas ou imaginados.

Ainda, as “transferências analógicas de denominações” para Benveniste, os arranjos metafóricos denominados neste trabalho, são estabelecidos pelo locutor ao mobilizar formas e sentidos da língua, na relação com o “outro” da interlocução e em um espaço e tempo de determinada situação enunciativa. Ao colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização, por meio de narrativas,

em particular, o locutor pode transferir a significação de uma forma da língua para outra pela analogia com que se configuram no sistema linguístico e que são atualizadas no discurso, na narrativa. Essa transferência de formas e sentidos se dá pelo locutor ao buscar um nome para referir no discurso. Ao denominar algo no discurso, pode se constituir o arranjo metafórico por meio do deslocamento de significações na língua em uso.

Ao nos voltarmos para a nossa questão-norteadora: **Qual o papel dos arranjos metafóricos produzidos nas narrativas de duas crianças, de 3 e 5 anos de idade, em sua trajetória de constituição na língua?**, concluímos que o papel dos arranjos metafóricos, na narrativa, é possibilitar à criança a nomeação de elementos importantes na constituição do evento narrado. Em síntese, as denominações evidenciadas nas narrativas das crianças dos dados analisados são:

Quadro 10: Arranjos metafóricos nas narrativas das crianças

Dado	Arranjos metafóricos	Referência na narrativa
Recorte 1	Tatuagem	o brilho da asa da borboleta
Recorte 2	Toca Bem mamãe	casulo grande/adulta
Recorte 3	Gluquilei Culipu Bribilu Tipulu	parede sofá brinquedo tomara
Recorte 4	Minininha criança Mininho criança	criança menina criança menino

Fonte: elaborado pela autora (2025)

Cada arranjo metafórico possibilitou à Anita e à Lavínia denominar algo que estava sendo constituído na narrativa. A denominação contribuiu para a organização da narrativa de cada menina, fazendo com que os acontecimentos vividos ou imaginados fossem representados pela mobilização de formas e sentidos da língua no discurso e acessados pelo “outro” da situação enunciativa.

Por fim, concluímos que o papel dos arranjos metafóricos é denominar algo que está sendo referido pela criança no seu discurso pela analogia de sentido. Conforme afirma Benveniste (2020), a criança descobre que tudo tem um nome e

isso lhe possibilita conhecer o mundo ao seu redor. Por isso, quando, por algum motivo, não há a denominação consagrada entre os falantes, a criança pode transferir formas e sentidos e constituir um arranjo metafórico na sua narrativa, o que lhe possibilita referir o “mundo” no seu discurso.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 6. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Trad. de Eduardo Guimarães *et al.* 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2023.

BOLDORI, Ana Carolina. **A constituição do falante na e pela narrativa**: na aurora da vida e na fase do envelhecimento . 2023. 72 f. Dissertação (Mestrado em Letras)–Universidade de Passo Fundo, Instituto de Humanidade, Ciências, Educação e Criatividade, Programa de Pós-Graduação em Letras, Passo Fundo, 2023.

DESSONS, Gérard. Émile Benveniste, **l'invention du discours**. Paris: Éditions in Press, 2006.

DESSONS, Gérard; NEUMANN, Daiane; OLIVEIRA, Giovane F. **Émile Benveniste e a arte do pensar**. ReVEL, vol. 18, n. 34, 2020. Tradução de Daiane Neumann e Giovane Fernandes Oliveira.

DIEDRICH, Marlete Sandra. **Aquisição da linguagem**: o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem. 2015. 147 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

DIEDRICH, Marlete Sandra. A criança e as narrativas: a inserção do discurso no mundo. **Anais** do XXXV ENANPOLL, online, 2020. Disponível em: <<https://anpoll.org.br/enanpoll-2020-anais/resumos/digitados/0001/PPT-eposter-trab-aceito-1403-1.pdf>>. Acesso: 30 novembro 2021.

DIEDRICH, Marlete Sandra. O ato enunciativo de narrar: a constituição do indivíduo na sociedade. In: Heloisa Monteiro Rosário; Sara Luiza Hoff; Valdir do Nascimento Flores. (Org.). **Leituras de Émile Benveniste**. 1ed. Porto Alegre: Zouk, 2022, v. 1, p. 129-138.

DIEDRICH, Marlete Sandra. A interpretância da língua em relação às funções inter-humanas do discurso na aquisição da linguagem via aspecto vocal da enunciação. In: Documentação de estudos em linguística teórica e aplicada. **Delta** (PUCSP, impresso), v. 33, p. 497-517, 2017.

DIEDRICH, Marlete Sandra. A constituição humana na linguagem: um olhar para o homem e sua relação com os esquemas culturais. **Linguagem & Ensino** (UCPel), v. 23, p. 605-615, 2020.

DIEDRICH, Marlete Sandra. A criança e as narrativas: a inserção do discurso no mundo. **Anais** do XXXV ENANPOLL, *online*, 2020. Disponível em: <<https://anpoll.org.br/enanpoll-2020-anais/resumos/digitados/0001/PPT-eposter-trab-aceito-1403-1.pdf>>. Acesso: 30 novembro 2021.

DIEDRICH, Marlete Sandra. **Narrativas de crianças na pandemia**: discursos que reinventam o mundo. 1 ed. São Carlos: Pedro e João Editores, 2022.

DIEDRICH, Marlete Sandra; GOLEMBIESKI, Gabriela; BOLDORI, Ana Carolina. O papel das narrativas na aquisição da língua: deslocamentos enunciativos da criança que narra. **DESENREDO**, v. 19, p. 192, 2023.

DIEDRICH, Marlete Sandra; GOLEMBIESKI, Gabriela; BOLDORI, Ana Carolina. A criança e a narrativa: a operação de referência no universo da “imaginação criadora”. **Memorare**, Tubarão, v. 10, n. 1, mai./out. 2023. Disponível em: <[10.59306/memorare.v10e1202318-29](https://doi.org/10.59306/memorare.v10e1202318-29)>. Acesso em: 20 jun. 2024.

DIEDRICH, M. S. A narrativa como tema de estudo da Aquisição da Linguagem à luz da perspectiva aquisicional enunciativa. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 645–659, 2024. DOI: 10.25189/rabralin.v23i2.2236. Disponível em: <<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2236>>. Acesso em: 3 mar. 2025

FIORIN, José Luiz. Metáfora e metonímia: dois processos de construção do sentido. In: FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido: estudos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2008

FLORES, Valdir do Nascimento. Enunciação e metáfora no discurso da criança: um esboço de estudo. **Revista Prolíngua**, v. 8, n. 2, pág. 157-169, 2013.

FRANÇOIS, Frédéric. **Enfants et récits**: mises en mots et “reste”. Paris: Presses universitaires du Septentrion, 2004.

GOLEMBIESKI, Gabriela. Construções metafóricas na narrativa da criança: o caso do limpador de para-brisa dos trens. **Cadernos de Linguística** [S. l.], v. 3, n. 1, p.e619, 2022. Disponível em: <<https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/619>>. Acesso em: 01 jul. 2023.

GOMES, Janaína Nazzari. **Quando falar e ouvir é apropriar-se uma reflexão sobre apropriação de línguas estrangeiras à luz da teoria saussuriana** 2016. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: JAKOBSON, Roman. **Linguística e enunciação**. Trad. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2007.

KNACK, Carolina. De Benveniste às pesquisas enunciativas: a noção de deslocamento e seu lugar teórico metodológico. In: OLIVEIRA, Giovane Fernandes; ARESI, Fábio (org.). **O universo benvenistiano: enunciação, sociedade, semiologia**. São Paulo: Pimenta Cultural, p. 142-163, 2020.

LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães De. Sobre o estatuto linguístico e discursivo na narrativa da fala da criança. **Linguística/ALFAL**, v. 13, p. 23-60, 2001.

NORMAND, Claudine. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

OLIVEIRA, Giovane Fernandes. A linguagem da criança: uma herança cultural. **PERcursos Linguísticos**, [S. l.], v. 6, n. 13, p. 106–118, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/14108>>. Acesso em: 4 ago. 2023.

OLIVEIRA, Giovane Fernandes de. O problema da referência em Émile Benveniste. Curitiba: Appris, 2022

PERRONI, Maria Cecília. **Desenvolvimento do discurso narrativo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo, Feevale, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand. Objeto da Linguística. *In*: SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye. Colaboração Albert Riedlinger. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2015. p. 15-25.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **A criança na linguagem: enunciação e aquisição**. Campinas, SP: Pontes, 2009.

SILVA, Carmem Luci da Costa. A conversão da língua em discurso: enunciar para significar. Caxias do Sul: **ANTARES**, vol. 8, nº 15, 2016.

SILVA, Carmem Luci da Costa; DIEDRICH, Marlete Sandra. Das formas embrionárias às formas complexas do discurso: movimentos linguístico-enunciativos da criança na aquisição da língua materna. **Estudos da Língua(gem)**, Bahia, v. 20, n. 1, p. 115-140, 2022. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/12071>. Acesso em: 12 ago. 2023.



UPF

UNIVERSIDADE
DE PASSO FUNDO

UPF Campus I - BR 285, São José
Passo Fundo - RS - CEP: 99052-900
(54) 3316 7000 - www.upf.br